



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA- UEPB- CAMPUS IV
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E AGRÁRIAS- CCHA
DEPARTAMENTO DE LETRAS E HUMANIDADES- DLH
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ROSEANE FIRMO DA SILVA ALVES

CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ: a denúncia social na poesia de Patativa do Assaré.

**CATOLÉ DO ROCHA/PB
2016**

ROSEANE FIRMO DA SILVA ALVES

CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ: a denúncia social na poesia de Patativa do Assaré.

Trabalho de Conclusão apresentado ao Departamento de Letras e Humanidades da Universidade Estadual da Paraíba- UEPB- Campus IV, como parte dos requisitos para aprovação no curso de Graduação em Licenciatura Plena em Letras sob a orientação da Prof.^a Dr.^a Vaneide Lima Silva.

CATOLÉ DO ROCHA/PB

2016

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

A474c Alves, Roseane Firmo da Silva

Cante lá que eu canto cá: a denúncia social na poesia de Patativa do Assaré. [manuscrito] / Roseane Firmo da Silva Alves. - 2016.

59 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Agrárias, 2016.

"Orientação: Profa. Dra. Vaneide Lima Silva, Departamento de Letras e humanidades".

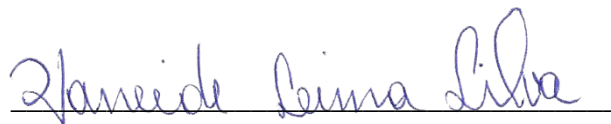
1.Poesia. 2.Denúncia social. 3.Patativa do Assaré. I. Título.
21. ed. CDD B869.1

ROSEANE FIRMO DA SILVA ALVES

CANTE LÁ QUE EU CANTO CÁ: a denúncia social na poesia de Patativa do Assaré.

Aprovada em 19 de maio de 2016.

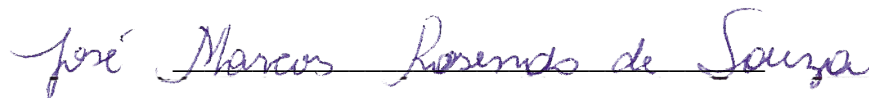
BANCA EXAMINADORA



Orientador (a): Prof.^a Dr.^a Vaneide Lima Silva- UEPB



Examinador (a): Prof.^a Ma. Maria Fernandes Praxedes- UEPB



Examinador (a): Prof.^o Me. José Marcos Rosendo de Souza - IFPB

CATOLÉ DO ROCHA-PB

2016

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus por ter me dado força para lutar e discernimento para agir, diante de tantos desafios e provações enfrentadas ao longo desse trabalho.

Aos meus pais que sempre me apoiaram nessa caminhada, em especial minha mãe que sempre me incentivou a seguir em frente, mesmo sabendo que para mim era difícil mais não impossível.

A meu irmão e sua esposa que não me deixaram desanimar.

À minha família, que esteve ao meu lado, compartilhado todos os momentos.

Às minhas colegas de trabalho, por me incentivarem e acreditarem em mim, especialmente minha diretora Claudiana que nunca me negou seu apoio todos os instantes que precisei.

Sou grata a minha turma, por ter compartilhado com as colegas vários momentos inesquecíveis e pelos conselhos que não me fizeram desistir, como muitas vezes imaginei. Principalmente, as três que mais me identifiquei ao longo desses anos Lidy, Edvânia e Simone, esta última de modo especial, uma vez que esteve comigo todas as horas, me dando força, partilhando alegrias, tristezas, conquistas, decepções. Muito obrigada.

A professora orientadora Dr.^a Vaneide Lima Silva, pela orientação e momentos atenciosos durante a elaboração desse trabalho.

A banca examinadora, Prof.^a M^a. Maria Fernandes Praxedes e o Prof.^o Me. José Marcos Rosendo de Souza, por haver aceito meu convite em contribuir com esse trabalho.

A todos os professores que tive o prazer de conhecer durante o curso, os quais me passaram grandes aprendizagens.

Aos servidores e técnicos- administrativos do Campus IV, pela nossa luta diária.

A todos que de uma forma ou de outra contribuíram comigo para realização dessa conquista.

*Na minha pobre language
A minha lira servage
Canto o que a minha arma sente
E o meu coração incerra,
As coisas de minha terra
E a vida de minha gente.*

Patativa do Assaré

RESUMO

Esse trabalho se propõe estudar a Coletânea *Cante lá que eu canto cá*: filosofia de um trovador nordestino (1978), do poeta cearense Antonio Gonçalves da Silva, (Patativa do Assaré), mais especificamente os poemas, “A morte de Nanã”, “O inferno, o purgatório e o paraíso” e “Brasi de Cima e Brasi de Baxo”. O nosso interesse por esses textos surgiu quando constatamos a presença de um discurso reivindicativo em favor dos menos favorecidos principalmente nesses poemas. Sendo assim, analisaremos tais poemas buscando perceber de que modo Patativa do Assaré usa o discurso em favor da denúncia social, criticando as situações de injustiça presentes na realidade brasileira, que se caracteriza por uma disparidade social muito expressiva. Fundamenta nosso estudo os trabalhos de Abreu (1999), Ayala (1988), Candido (1980), Feitosa (2003), Moisés (1991) e Bosi (2000), dentre outros.

Palavras- chave: Poesia. Denúncia social. Patativa do Assaré.

ABSTRACT

This work aims to study the Collection *Sing there I sing here* : philosophy of a northeastern troubadour (1978) , Ceará poet Antonio Gonçalves da Silva, (Patativa do Assaré) , more specifically the poems , "The death of Nana , " " hell , purgatory and paradise "and" Brasi de Cima and Brasi of Baxo " . Our interest in these texts came when we found the presence of a claiming speech in favor of the less fortunate especially in these poems. Thus, we will comment such poems seeking to realize that Patativa mode Assaré use the speech in favor of social protest, criticizing the situations of injustice present in the Brazilian reality, which is characterized by a very significant social disparity. Based our study the works Abreu (1999) , Ayala (1988) , Candido (1980) Feitosa (2003) , Moisés (1991) and Bosi (2000) , among others.

Key- words: Poetry. Social denunciation. Patativa do Assaré.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
2 RÁPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA POPULAR	9
2.1 Surgimento, características e expansão da poesia popular no Brasil e no Nordeste	9
2.2 A poesia como fator de denúncia social	14
3 BREVE TRAJETÓRIA DA VIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ	16
3.1 Notas biográficas do poeta	16
3.2 O escritor sertanejo	17
4 A VOZ DO POETA COMO VEÍCULO DE CRÍTICA SOCIAL	19
4.1 O triste enredo de “A morte de Nanã”	19
4.2 Os sentidos de “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso”	28
4.3 Caracterizando “O Brasi de Cima e o Brasi de Baxo”	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	47
ANEXOS	

INTRODUÇÃO

A literatura popular, assim como toda literatura, é uma arte associada a várias manifestações que estão diretamente envolvidas a conflitos e atos cotidianos de uma sociedade. Por retratar fatos reais do povo, por meio de versos escritos ou declamados oralmente, representava o falar de pessoas “iletradas”, tornando-se, por isso, alvo de desprestígio social, por uso da linguagem coloquial “matuta”, rimas simples e contexto com base nas próprias experiências dos poetas sertanejos. Tal desprestígio se deu por conta da valorização da cultura escrita, decorrente nos centros urbanos, em consequência da institucionalização de uma cultura letrada. Mas, apesar das dificuldades a poesia popular conseguiu sua expansão, tornando-se importante para cultura dos sertanejos e fator essencial na formação e identidade cultural do Brasil, além de ampliar os saberes populares que perpetuam de geração para geração.

Hoje, espalhados pelo Brasil existem vários poetas populares que vivenciam e compartilham experiências divergentes. Mas, no final do século XIX e início do século XX, a poesia popular fazia parte da vida dos sertanejos nordestinos que sobreviviam no campo por meio do trabalho agrícola, ou na cidade como pequenos comerciantes.

Nessa época, o Brasil passava por uma fase de transformação e crise econômica, além disso, no nordeste o clima seco do sertão aterrorizava o homem do campo, que vivia de favor nas fazendas trabalhando com a terra, numa atividade árdua e cansativa de sol a sol, porém, com a estiagem seus serviços eram dispensados e, por isso, muitos trabalhadores eram prejudicados, tendo que deixar a vida na sua terra natal para tentar sobreviver na cidade ou grandes centros do sul do país.

E foi a partir desse contexto que a poesia popular teve maior expressão, ou seja, foi difundida e o que antes era restrito apenas a grupos sociais menos favorecidos como (ex-escravos, pequenos comerciários, moradores pobres de fazendas e vilas) extrapola esses limites e alcança espaços que antes eram disponíveis somente a escritores e homens letrados do país. Sendo assim, os pobres camponeses passaram a retratar e a descrever suas vivências e sofrimentos através de um canto poético que ora eram descritos a mão, ora versejados na oralidade, a exemplo de Antônio Gonçalves da Silva mais conhecido por Patativa do Assaré, poeta cearense, agricultor, semi- analfabeto que se tornou ícone da poesia popular no Brasil e no Nordeste sua poesia - ou seu canto retrata as experiências do sertanejo (suas crenças, seus anseios e lamentos). Em *Cante lá que eu canto cá: filosofia de um trovador nordestino*,

(1978)¹, identificamos a construção de uma poesia que não chega a ser de protesto ou revolta, mas segundo alguns críticos nem de denúncia social, mas de compaixão.

Percebemos um poeta atento a sua realidade, sensível perante aqueles que trabalham duramente, de sol a sol, demonstrando ter clareza das causas dos muitos males sociais. Isso se verifica de forma bastante expressiva em “A morte de Nanã”, “O inferno, o purgatório e o paraíso”, “Brasi de cima e Brasi de baixo”, poemas em que o canto do poeta é em favor dos mais pobres, por aqueles que vivem humildemente, pelos fracos, ou seja, pela gente simples do nosso povo, justificando assim, nossa escolha pela análise estilística dos mesmos. Os tomaremos como objeto de estudo e buscaremos perceber de que forma o poeta – ao se valer de seu canto – denuncia os males que atingem o homem do povo especialmente o nordestino, que sofre por conta da precariedade decorrente da seca e do descaso político.

Inicialmente, consideramos importante retomar algumas informações acerca da literatura popular, expondo fatores do seu surgimento e destacando o papel social da poesia; num segundo momento traçamos uma breve trajetória da vida e obra de Patativa do Assaré, lançando mão de algumas notas biográficas do poeta, o escritor sertanejo que denuncia em sua obra as diferenças sociais que caracterizam a realidade brasileira; no terceiro e último momento comentaremos os poemas selecionados e indicados acima, identificando e caracterizando a voz do poeta como veículo de denúncia social.

Metodologicamente essa pesquisa é de base bibliográfica, porque se utiliza de estudos já realizados em torno da temática abordada. Recorremos, assim, a trabalhos como biografia do autor e sua obra, fortuna crítica e aporte teórico de alguns literários como, Abreu (1999), Ayala (1988), Candido (1980), Feitosa (2003), Bosi (2000), Moisés (1991), os quais serviram de embasamento e contribuição para construção desse trabalho.

¹A Edição utilizada neste trabalho é a de 2004, publicado pela Editora Vozes.

2 RÁPIDAS CONSIDERAÇÕES SOBRE A LITERATURA POPULAR

2.1 Surgimento, características e expansão da poesia popular no Brasil e no Nordeste

No Brasil, ao final do século XIX e início do século XX, especificamente na região nordeste, a poesia popular ou cordel arte de criar e recriar as vivências e culturas de um povo obteve maior expressividade e identificação, devido a alguns fatores que segundo pesquisadores da literatura popular contribuíram para que essa poesia mantivesse essa força expressiva e se difundisse pelo nordeste brasileiro. Segundo Júnior (1975, p. 6):

No Nordeste, por condições sociais e culturais peculiares, foi possível o surgimento da literatura de cordel, de maneira como se tornou hoje em dia característica da própria fisionomia cultural da região. Fatores de formação social contribuíram para isso: a organização da sociedade patriarcal o surgimento de manifestações messiânicas, o aparecimento de bandos de cangaceiros ou bandidos, as secas periódicas provocando desequilíbrios econômicos e sociais, as lutas de família deram oportunidade, entre os fatores, para que se verificasse o surgimento de grupos de cantadores como instrumento do pensamento coletivo, das manifestações da memória popular.

Desde então, a partir desse contexto nordestino surge a literatura de cordel ou poesia popular, que nasce da tradição oral, elaborada pelos cantadores -- homens do campo geralmente analfabetos, que enfatizam em versos experiências e sofrimentos por eles vividos.

Cascudo (1972 p.10-11) define a literatura de cordel como “literatura do povo”, pois, a oralidade, sendo o principal fator característico de transmissão verbal da literatura de cordel, é “anônima”, tendo em vista que, “seus elementos de formação constituem multidão, vindos dos horizontes mais distantes e das fontes mais variadas. A oralidade modifica, determinando versões locais habitações psicológicas e ambientais”

O crítico ainda pontua que, a “literatura de cordel ou literatura popular” é “reflexo poderoso da mentalidade coletiva em cujo meio nasce e vive retrato do seu temperamento, predileções, antipatias, fixando o processo de compreensão do raciocínio e do julgamento que se tornará uma atitude mental inabalável” (CASCUDO, 1972, p.13). Em suma, podemos dizer que o cordel ou poesia popular são textos que contextualizam as vivências sociais do povo e o olhar visionário do poeta sobre o universo que o cerca.

Diante dessa perspectiva, a literatura de cordel tornou-se o grande fator de propagação da poesia popular no Brasil e região nordestina. Tendo sua originalidade portuguesa, a literatura de cordel adentrou no Brasil, através dos imigrantes europeus e, a partir de então, esses cordéis foram lidos pelos poetas sertanejos. Após suas leituras, eles passaram a personificar os próprios folhetos quanto à forma, conteúdo, recriando e desenvolvendo na

cultura nordestina a literatura de cordel ou poesia popular, folhetos que versam histórias voltadas para a realidade cultural, política e cotidianas da sociedade.

Fazendo a leitura dos cordéis ibéricos os poetas perceberam que os versos lusitanos faziam a distinção entre o bem e o mal, relacionando o bem aos nobres e o mal aos pobres. O poeta do sertão não segue o ideal português, exaltando o poder dominante da época, mas transforma sua poesia do ponto de vista ideológico, fazendo uma inversão do que faz o poeta português de valores sociais, políticos e culturais, de modo, que os versos dos poetas do sertão enaltecem a figura do pobre nordestino e associa o mal à classe nobre, detentora do poder e exploradora dos pobres sertanejos.

Desse modo, pode-se observar que a poesia popular nordestina se volta em favor da população pobre que sofre por consequências das secas no sertão e pelo descaso político, tendo como principal papel enfatizar as realidades sociais.

Sobre esse aspecto, embora dirigido aos folhetos de cordel, temos o seguinte afirmação de Abreu (1999, p. 120-123):

Mais da metade dos folhetos impressos nos primeiros anos continha ‘poemas de época’ ou ‘de acontecido’, que tinham como foco central o cangaceiro, os impostos, os fiscais, o custo de vida, os baixos salários, as secas, a exploração dos trabalhadores. (...) No Nordeste, embora haja também narrativas ficcionais que contam as aventuras de nobres personagens, o estado de ‘indignação, lamentação e crítica do cotidiano’ contamina as histórias. A discussão das diferenças econômicas é constante. (...) Mesmo em histórias tradicionais, que se passam em meio à nobreza, a realidade nordestina infiltra-se. (...) Problemas econômicos interferem, também, na construção dos vilões das histórias, pois além de serem maus eles têm, em geral fortuna. Por outro lado não há ninguém muito pobre no papel de malfeitor.

A descrição dessa realidade que comparece na poética popular sertaneja é feita por meio de uma linguagem simples, mas bastante marcada por elementos sonoros, rítmicos, métricas e rimas que os permitem brincar, jogar com as palavras e fazer uso de sua criatividade e inteligência, transformando-as de acordo com suas ideologias e alguns com a perspectiva de anunciar a história social dos indivíduos, retratando as inquietações sociais evidenciadas por eles. Tendo em vista isso, muitos desses poemas em forma de denúncia tornam-se temas principais de suas poesias.

Na poesia o poeta expressa seus sentimentos, angústias, reflexões que referem ao seu mundo interior e exterior e como ser social demonstra sua visão de mundo e o verdadeiro compromisso com a sociedade e seus contextos cotidianos. Nessa perspectiva, Andrade (2000, p. 121) confirma, que a identificação do poeta com o sertão e o mundo que o rodeia o faz perceber as desigualdades sociais e elaborar poemas de caráter social:

O poeta ao representar o modo de vida e a visão de mundo do homem do campo, em particular do sertanejo nordestino, é levado a criar uma obra em que as questões sociais com suas implicações políticas acabam ganhando relevância particularmente intensa.

Vale salientar, que a origem da literatura popular no Brasil manteve sua essência por meio da oralidade. Acerca da importância das tradições orais, Zumthor (1997, p.10), estudioso da oralidade, afirma que “ninguém sonharia em negar a importância do papel que desempenharam na história da humanidade as tradições orais. As civilizações arcaicas e muitas culturas das margens ainda hoje se mantêm graças a elas”.

Das manifestações artísticas populares brasileiras, que têm como particularidade principal a expressividade oral, podemos destacar a literatura de cordel, que, por sua vez, traz as marcas de identidade nacional e peculiaridades interligadas à cultura do povo nordestino. Pois, sabemos que o cordel brasileiro é fruto do processo multicultural, conforme já afirmamos, do hibridismo e que ao longo do tempo passou por transformações de acordo com as práticas do povo que o cultivava e o mantinha preservado, principalmente o povo do nordeste.

Outra característica importante, que convém mencionar é a influência e efeito de repercussão que o cordel promove aos sertanejos do nordeste, servindo de mecanismo e intercâmbio comunicativo, integrado a vida corriqueira do homem do sertão, como relata Cavalcanti (2007, p. 29):

Folhetos escritos em sextilhas, setilhas ou décimas, tratando sobre vários temas caracterizam a nossa literatura de cordel. Na verdade, o Cordel se constitui em um verdadeiro jornal nordestino, cuja temática apresenta desde os “causos” ocorridos de fato ou acrescidos da fantasia popular, passando pelos relatos relacionados com a política e a religião. Ressalte-se, ainda, que se trata de um jornal em versos (e muito bem delimitados no ritmo e na métrica), o que faz o jornal ainda mais característico. Isso torna, sem dúvida, a literatura de cordel uma das mais curiosas e extraordinárias expressões da arte nacional, seja pelo fazer poético assim como pela construção das capas que se apresentam artisticamente elaboradas em xilogravura.

Depois que assumiu o importante papel de intermediário comunicativo e jornalístico do sertanejo, o cordel passou a registrar em seus folhetos as próprias necessidades de seu público, utilizando linguagem acessível e popular.

Referindo-se ainda, ao importante papel desempenhado pela oralidade na literatura, Feitosa (2003), afirma que, a oralidade existente na literatura popular, tendo como recurso a voz, ultrapassa os limites de expressão verbal e está repleta de sentidos, significações

essenciais e de valor para a “prática literária”, pois possibilita aproximação rítmica das palavras transmitindo sentido para mensagem que é comunicada.

Nesse processo de transmissão da mensagem o poeta cantador, em companhia da sua viola, utilizava a técnica da memorização para criar e recriar seus versos improvisados mantendo-os retidos na memória até o momento de serem declamados. Logo depois, esses versos passaram a ser registrados graficamente para propagação, comercialização e obviamente lidos, na intenção de serem recitados ou cantados, proporcionando a perpetuação das culturas e narrativas orais. Conforme afirmação de Abreu (1999, p. 118):

Os poetas populares nordestinos escrevem como se estivessem contando uma história em voz alta. O público, mesmo quando o lê, prefigura um narrador oral, cujo à voz pode se ouvir. (...) pode-se entender a literatura de folhetos nordestinos como mediadora entre o oral e o escrito.

Ainda nesse sentido, é relevante mencionar que o predomínio da tradição oral nos poemas mesmo após serem impressos, tornou-se marco evidente e importante para o cordel brasileiro, pois, permitem proximidade do narrador/cantador com o leitor/ouvinte mediado através de linguagem simples, de livre acesso, de compreensão e identificação entre ambos. Segundo confirmação de Pinto (2009, p. 5):

A linguagem do narrador simples e próxima do leitor/ouvinte, tecendo-se dentro de uma dinâmica afetiva torna a narração, que articula cotidiano e ficcionalidade, algo íntimo. O narrador estabelece, por meio de variados mecanismos, um elo com o leitor, de modo a que se pense nas histórias como se estivessem sendo contadas naquele momento.

Desse modo, podemos perceber a importância e o grande significado da oralidade preservada na escrita vocalizada na poesia. Segundo Ayala (2011), os participantes do universo cultural popular, que utilizam a escrita como suporte de memorização oral chegaram a concluir que: a escrita veio como um grandioso instrumento para que a oralidade não caísse no esquecimento do povo, ou seja, a escrita resguarda a oralidade presente nas narrativas.

Quanto à estrutura, o folheto de cordel deve ter a forma fixa e peculiar, e o cordelista precisa sempre acatar e considerar os modelos que “dão forma e harmonia ao folheto”, prevalecendo o uso de métrica, ritmo e rimas.

Nesse sentido, quanto à elaboração dos poemas, a estudiosa Ayala (1988), fala da preocupação dos poetas em relação à escolha das palavras a serem usadas na construção dos versos, como também na manutenção da norma padrão, são aspectos determinados, apontados e preservados pelos poetas em respeito ao seu público.

Referindo-se aos poetas repentistas, Ayala (1988, p. 131-132) declara que:

A rima, considerada a exigência mais simples, não deixa de trazer obstáculos ao repentista. Pode acontecer de esgotarem-se as alternativas e o cantador ter de recorrer a vocábulos já empregados anteriormente por ele ou por seu companheiro. Como não deve haver repetição da mesma palavra nos esquemas rítmicos[...] o poeta, se não encontra solução diferente para a rima, fica em desvantagem junto aos colegas. [...] A métrica [...] é entendida pelos poetas e apologistas, não apenas como a contagem de sílabas em cada verso, mas, principalmente, como ritmo poético específico a cada gênero.

Quanto à métrica, esta corresponde à quantidade de sílabas poéticas que existem em cada verso, a contagem e divisão das sílabas poéticas é feita de acordo com a emissão sonora de cada verso ou palavra, esse processo é chamado de escansão. A métrica em versos heptassílabos (sete sílabas poéticas) ou redondilha maior é a mais usada pelos poetas, com rimas respectivamente organizadas da seguinte forma ABCBDB, quando em sextilhas, e em quadras, ABCB.

Também é interessante considerarmos a presença do hibridismo na literatura popular, ou seja, elementos estruturais da cultura popular e erudita que são encontrados nos folhetos. Sobre essa hibridização, Ayala (1997, p.168) afirma:

A literatura popular, como as outras práticas culturais, se nutre da mistura. Seu fazer precisa da mescla, e esse processo de hibridização talvez seja um dos componentes mais duradouros e mais característicos. O sério mesclado com o cômico; o sagrado, com o profano; o oral, com o escrito; elementos de uma manifestação cultural, transpostos para outra; o que é transmitido através dos meios de comunicação, oral ou escrito (rádio, televisão, jornal) e, ainda, por meio de livros, pode vir a alimentar versos e narrativas populares orais ou escritos, sendo antes ajustados à sua poética.

Em suma, a literatura de cordel intrinsecamente, desempenhou papel muito importante para a cultura popular do nordeste e do Brasil, tornando-se um dos principais meios de comunicação, por transmitir histórias e noticiários referentes ao Brasil e o mundo, além de alfabetizar as classes populares, também serviu de arma de denúncia social. Por fim, a literatura de cordel ao passar do tempo, vem seguindo o processo de transformações e inovações ocorridas, unindo-se a novas técnicas de funcionamentos e conservações de outras.

Assim, evidentemente a poesia popular ou literatura de cordel, é uma manifestação cultural de altíssima relevância, esteja ela manifestada por performances oral ou escrita, tornou-se característica principal de identidade cultural dos poetas e cantadores do nordeste, e esses, por sua vez, ao unir o oral ao escrito contribuíram para que o índice de analfabetos no Brasil diminuísse, proporcionou a expansão e o conhecimento cultural de um povo, no caso os

nordestinos através dessa produção artística popular que trás as palavras poetizadas em versos.

2.2 A poesia como fator de denúncia social

A poesia social surgiu como forma de manifesto, para representar o mundo por meio de palavras significativas, ritmadas e transformadoras sob orientação do pensamento ideológico e visionário do artista, que com sua inteligência e criatividade traz para poesia suas inquietações a respeito de fatos atuais, históricos e sociais presentes no contexto da época vivenciada por cada poeta.

Tendo isso em vista, fazer poesia sob o viés do engajamento social tem sua relevância, pois, o poeta exprime no poema algo que é espelho, ou reflexo da sociedade, com isso demonstra sua preocupação e compromisso para com os indivíduos e contextos que constituem a sociedade, com a finalidade de criticar, debater e examinar os acontecimentos, provocar, alertar e estimular os seres humanos a serem mais críticos e participativos da comunidade em que vivem. Nesse sentido, vale a pena destacar o que diz Bosi (2000, p. 13) sobre a contextualização do poema:

Contextualizar o poema não é simplesmente datá-lo: é inserir suas imagens e pensamentos em uma trama já em si mesma multidimensional; uma trama em que o eu lírico vive ora experiências novas, ora lembranças de infância, ora valores tradicionais, ora anseios de mudança, ora suspensão desoladora de crenças e esperanças. A poesia pertence à História Geral, mas é preciso conhecer qual é a história peculiar imanente e operante em cada poema.

Logo, a poesia assume papel de grande valor para a sociedade e história como objeto mediador literário, registrando com compromisso os fatos reais do contexto histórico, muitas vezes camuflados de forma irônica, calma, lúcida e perspicaz da visão do poeta, com linguagem simples de fácil entendimento, repleta de valores humanos e sociais. Contudo, a poesia social não surgiu com poder de consertar o mundo, mas o poeta e seu poema devem despertar nas pessoas emoções, transparecer ideologias e ideias, sempre com o compromisso social e político diante das injustiças.

Desse modo, a poesia tem como função social, promover nos indivíduos indagações, reflexões, conscientização dos valores sociais de cada época em cada poema literário. Ainda quanto à contextualização dos poemas Candido (1980), enfatiza o vínculo existente entre a obra e o ambiente social, propondo que a análise do texto literário seja realizada através da

interpretação dialética, onde texto e contexto sejam unificados, o que ajudará o crítico a compreender cada fator, seja ele externo ou interno, abrindo possíveis perspectivas de estudo e recursos para investigação.

Desse modo, compreendemos que toda obra ou texto literário possui em seu contexto acontecimentos e fatores sociais que atuam na sociedade de cada época, e ao analisarmos essas obras precisamos situá-las no seu período de criação, pois, a realidade social poderá estar no interior contextual de cada obra. Cabendo ao pesquisador atentar para a época de escritura da obra e a linguagem utilizada pelo autor para que ele consiga realizar a análise e interpretação da obra.

Por conseguinte, a poesia foi muito bem apresentada por vários poetas que enveredaram pelo caminho do engajamento social com determinação e compromisso, utilizando a poesia como instrumento de denúncia e resistência em defesa do povo que passava por momentos de crise, miséria, fome e desilusão por conta das injustiças sociais.

Nesse sentido, podemos afirmar que Patativa do Assaré faz uso de sua palavra poética como objeto de divulgação social, denunciando as mazelas vigentes da época em que viveu.

3 BREVE TRAJETÓRIA DA VIDA DE PATATIVA DO ASSARÉ

3.1 Notas biográficas do poeta

O sertanejo Antônio Gonçalves da Silva, mais conhecido por Patativa do Assaré, nasceu em (1909-2002), na zona rural de Serra de Santana, ao sul do Ceará, próximo a cidade de Assaré filho dos agricultores Pedro Gonçalves da Silva e Maria Pereira da Silva. Nasceu em um ambiente de pobreza e aos oito anos de idade ficou órfão de pai tendo precocemente que enfrentar o trabalho árduo do campo, com seu irmão mais velho para dar o sustento da mãe e dos outros irmãos mais novos.

A escola só frequentou aos doze anos de idade mesmo assim por pouco tempo (só durante seis meses), mas o encanto pela poesia surgiu por intermédio da matriz - seu pai, que desde criança Antônio o escutava cantar em versos e rimas. Encantado, o menino fizera daquelas lembranças conforto e companhia para minimizar o sofrimento e a ausência precoce da figura do pai. Apesar de ter ficado um tempo mínimo na escola, logo aprendeu a ler, contribuindo para que seu interesse pela poesia fluísse ainda mais, passando a fazer leitura de tudo que estivesse em sua frente a princípio folhetos de cordel dos poetas de sua terra, até os mais eruditos como Olavo Bilac, Carlos Drummond de Andrade, Camões e outros.

Embora não pudesse estudar e trabalhar dividiu seu precioso tempo entre o trabalho do campo e a criação dos seus primeiros versos, uma vez a mesma terra que ele cultivava e semeava os grãos de milho e feijão lhe serviu de inspiração para brotar sua poesia. É o que assegura Pinheiro (2005, p. 64):

Patativa do Assaré poeta camponês que trabalhava a terra e ao mesmo tempo criava seus poemas, expressando em sua poesia os sentimentos de seu povo. Sua poesia brotou da terra e se misturou com as sementes de milho e feijão. Era naquele meio campesino que o poeta recebia inspiração para sua poesia.

A partir de então, o agricultor-poeta passou a escrever e a cantar seus repentes lançando sua voz em apresentações e festividades da cidade. É daí que o Antônio sai de cena e surge Patativa, explica Feitosa (2003, p.7- 8):

Do ninho, surgiu o pássaro. Do pássaro surgiu o canto. Do canto, surgiram as trilhas. As trilhas levaram ao mito. Encravado materialmente no chão seco da roça e, simbolicamente, nos recôncavos da Natureza, o ninho do pássaro-homem abrigou a voz, que se ofereceu à letra para daí alçar vôo e buscar outras mediações simbólicas.

Pássaro e homem, natureza e cultura formavam os cenários da experiência. Misto de laboratório e de teatro para as performances poéticas, o sertão se oferecia quente e móbil.

Em tudo que apresenta a trajetória de Patativa desde seu nascimento, suas raízes, o ambiente em que viveu e que dele fez seu laboratório de inspiração e criação artística, Feitosa mostra que a sensibilidade humana, as experiências sofridas e a visão de mundo do camponês, fez brotar semente poética que a cada dia germinava, despertando no artista a necessidade de descrever e relatar a historiografia de seu tempo e espaço natural em que vivia.

3.2 O escritor sertanejo

Ainda com base no estudo de Feitosa, vimos que Patativa do Assaré nasceu no campo e do campo natural resgatou suas vivências, construiu sua identidade, idealizou o sertão e fez disso inspiração para brotar sua poesia, como um código de marcas que o tornou um verdadeiro representante do povo.

Assim, não demorou muito tempo e Patativa dedicou sua vida na produção da cultura popular em defesa dos sertanejos nordestinos, emprestando sua voz, seu canto e a força de seus versos em favor dos injustiçados e oprimidos do sertão. A esse respeito, Feitosa (2003, p. 63) diz que Patativa: “ao encontrar na poesia uma forma de informação e denúncia, tenha se lançado a interpretar as coisas pelo viés poético e a usar a poesia para fazer reivindicações”.

Isso justifica um dos títulos atribuídos a ele, como poeta da justiça social, devido sua coragem, audácia e sentimentalismo ao utilizar sua arte poética enfatizando os problemas sociais presentes na sociedade brasileira, mais especificamente os do povo do sertão sofrido. Ou seja, o poeta agricultor descreve com exatidão e perspicácia em seus versos, a dura realidade social em toda sua abrangência.

Para tanto, a poesia patativana, segundo ainda Feitosa, está convertida entre natureza e cultura, pois ele fala do que “vive e do que sente”, seus versos são reveladores dessa intimidade entre o poeta e o sertão, e os dois tornam-se um, porque um está relacionado ao outro, ou seja, Patativa representa a cultura de um mundo por meio de experiências reais de seu cotidiano. E ao falar dessa interação entre natureza e cultura em Patativa, Carvalho (2002, p. 4) diz que: “natureza e cultura na poética não estão dissociadas, como estariam numa visão antropológica”. A poesia brota não apenas como forma expressiva de sentimentos, mas, como olhar atento do poeta para o mundo que o cerca, observe o que diz mais o crítico, Carvalho (2002, p. 59), sobre a proposta poética de Patativa:

Patativa nos propõe uma poesia de construção lança as bases de questões em que emerge uma ética pessoal, que passa por uma estética e, por isso, ganha uma dimensão mais ampla, de uma fala poética histórica [...] é a fala de um homem político que diz sobre outros homens, em determinadas condições econômicas e sociais que fala que enunciada de um lugar específico, apesar de uma universalidade, em que subjaz uma regionalidade, que longe de limitar, reforça esse cosmopolitismo sem fronteiras, a partir de todo um substrato de humanidade.

Ainda no sentido de que natureza e cultura andam juntas em Patativa, Pinheiro (2005, p. 66) reitera o pensamento de Carvalho ao afirmar que “Patativa faz de sua realidade e das coisas do cotidiano, semente viva de poesia e vai tecendo seu tapete cujo desenho apresenta múltiplas formas, mas todas elas têm o perfume da natureza”.

Segundo esses críticos, e tomando como base esse contexto, de natureza e vivências cotidianas, Patativa plantou a semente da poesia social, que depois lhe renderam vários frutos para o mundo, com sua maneira simples e sutil retratou fatos que estavam explícitos e muitas vezes camuflados, elementos de injustiça social que podem ser percebidos nas entrelinhas de seu fazer poético.

Assim, ainda tomando como referência os estudos de Feitosa e Pinheiro, podemos afirmar que a arte poética desse artista possui uma diversidade temática de produção marcante, que ora enaltece a natureza e seu esplendor, ora descreve a sociedade e os contextos sociais vividos por ele e seu povo, apresentando as mazelas e as contradições, sempre associadas à natureza e idealizações, por isso sua poesia é vista como social e universal.

Sobre a preferência do poeta Patativa em versejar seus poemas com temáticas voltadas para os problemas sociais, expressando um canto de dura realidade, Feitosa (2003, p. 97) declara que “Ao apresentar os problemas o que ele quer não é mostrar-se sofredor para ganhar a piedade dos outros, mas denunciar os descabros e chamar a todos para a luta pela vida digna. Ele não afronta as autoridades. Nunca o fez. O que sempre fez foi dizer a verdade”.

Ao cantar o sertão querido em toda sua poesia, o poeta Antonio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré, enfatiza e retrata por meio de palavras, mensagens e sentimentos, os problemas e os prazeres do homem, retratos da realidade que podem ser examinados e observados, ainda hoje.

4 A VOZ DO POETA COMO VEÍCULO DE CRÍTICA SOCIAL

“Eu dêxo as línguas de lado
Pra quem as língua aprendeu,
E quero a licença agora
Mode eu contá minha histora
Com a língua que Deus me deu”

Partindo da compreensão que a análise consiste em um estudo aprofundado e esmiuçado de algo que se deseja examinar e conhecer, realizada com base em conhecimentos e fundamentos que esclarecem por partes os elementos que compõem e estruturam o que se está analisando, nesse caso os poemas selecionados para esse estudo, procederemos à análise dos seguintes poemas: “A morte de Nanã”, “O inferno, o purgatório e o paraíso”, assim como “Brasi de cima e Brasi de Baxo. Os poemas serão analisados segundo a orientação de Moisés (1995, p. 13), que afirma:

Um processo de conhecimento da realidade que não é exclusivo de ciência alguma, nem mesmo de filosofia alguma, religião alguma ou arte alguma. Sempre que um objeto, um conceito, uma equação matemática, uma idéia, um sentimento, um problema, etc., é decomposto em suas partes fundamentais, estar-se praticando a análise.

Sendo assim, realizamos a análise dos poemas de Patativa do Assaré procurando verificar de que maneira a crítica social está posta nos poemas, atentando, assim, para sua estrutura, elementos formais e estilísticos, bem como outros elementos inerentes aos poemas.

4.1 O triste enredo de “A morte de Nanã”

Segundo Feitosa (2003) a construção poética de Patativa do Assaré, majoritariamente se deu com base nas experiências vividas, nas histórias do povo sofrido do sertão, no trabalho com a terra, tendo na natureza fonte de inspiração e cenário para o seu canto que ora é enaltecida por seus esplendores, ora é retratada e relacionada com a sociedade por imagens de sofrimento, luta, desengano, fé e esperança do homem. Desse modo, o seu cotidiano, o seu meio social contribuíram para o desenvolvimento de sua visão crítica do mundo real.

O poema “A morte de Nanã” nos revela a história dramática da morte de uma criança chamada Ana, com apelido de Nanã, ocasionada em decorrência de fatores sociais e cruciais causados pela seca de 32, num cenário sertanejo de pobreza, miséria, sofrimento, dependência e descaso político, sendo essas as principais marcas desse poema.

Quanto à estrutura verificamos que o poema é composto por 210 versos heptassílabos, divididos em 21 estrofes de 10 versos ou (décimas), com a presença de rimas que obedecem ao esquema ABABCCDEED. A linguagem é simples e informal e faz transparecer a realidade, além de sustentar o cantar do poeta nordestino.

Ao dar início ao poema, nas duas primeiras estrofes, o eu lírico relata o seu sofrer e lamento por ter perdido o grande amor de sua vida, apesar de estar velho e viver na pobreza, sua filha querida era a importante fortuna que ele tinha na vida, conforme explicitam as primeiras estrofes:

Eu vou contá uma históra
 Que eu não sei como comece,
 Pruquê meu coração chora,
 A dô do meu peito cresce,
 Omenta o meu sofrimento
 E fico uvindo o lamento
 De minha arma dilurida,
 Pois é bem triste a sentença,
 De quem perdeu na isistença
 O que mais amou na vida.

Já tou véio, acabrunhado,
 Mas inriba deste chão,
 Fui o mais afortunado
 De todos fio de Adão.
 Dentro da minha pobreza,
 Eu tinha grande riqueza:
 Era uma querida fia,
 Porém morreu muito nova.
 Foi sacudida na cova
 Com seis ano e doze dia.

Os versos seguintes, da 3ª a 6ª estrofes, definem a beleza, os primores da menina e o prazer que seu pai tinha de possuir essa linda jóia, razão de sua existência. Relembra ainda como era a vida de Nanã antes de sua morte, sendo ela uma criança saudável, forte e feliz. Era a alegria da vida de seus pais, que mesmo sendo pobres não sentiam a menor inveja dos ricos desse país, pois para o eu lírico seu bem precioso e valioso não era bens materiais, mas sim sua filha amada. Observemos:

Morreu na sua inocença
 Aquele anjo encantadô,
 Que foi na sua isistença,
 A cura da minha dô
 E a vida do meu vive.
 Eu beijava, com prazê,
 Todo dia, demenhã

Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas, eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primô
De que as mais bonita jóia,
Mas linda do que as fulô
De um tá de Jardim de Tróia
Que fala o dotô Conrado,
Seu cabelo cachiado,
Preto da cô de viludo.
Nanã era meu tesôro
Meu diamante, meu oro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terrêro corria
Sempre sirrindo e cantando
Era lutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com feijão, mio e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.
O seu corpo parecia
Uma banana - maçã.

Todo dia, todo dia,
Quando eu vortava da roça,
Na mais compreta alegria,
Dentro da minha paióça
Minha Nanã eu achava.
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grande deste país,
Pois eu era o mais feliz
De todos fio de Adão.

Na 7^a a 11^a estrofes temos o retrato da seca quando chega ao sertão, à falta de alimentos, o sofrimento dos pobres sem ter o que comer que acabam tendo que se alimentar de plantas nativas típicas da seca como a “goma de mucunã” ou ”caça do mato”. Devido a isso, Nanã começou a definhar a cada dia, o desengano, o desespero invadia o peito de seu pai. Ao ver sua filha enfraquecer e morrer de fome por falta de assistência de quem estava no poder público e pela falta de solidariedade humana por parte do patrão que não se dispôs a ajudar. Infelizmente é a dura realidade apontada claramente no poema.

Patativa, poeta, homem do campo, sertanejo e Cearense, vivenciou esse período de perto, passou por esses momentos de crise, por isso, afirmou que na região do Ceará foi à

maior seca que já houve. Como podemos observar nas palavras do poeta citadas por Feitosa (2003, p. 224):

Naquele ano, a seca maior que o Ceará sofreu foi no ano de 1932. Naquele tempo foi uma miséria, viu? E nem esse governo protegia ninguém. Iam tudo era para o Maranhão, ou se valiam de comidas brabas viu? E então, eu vendo aquilo, tudo aquilo, eu criei aquele poema, retratando Nanã, a menina que morreu por inanição. Eu substituindo o pai dela. Quem vê assim, pensa que eu era o pai dela, não é? Mas não, eu criei na mente, por causa daquele sofrimento daquele tempo. Tantas crianças não morreram! Tantas Nanãs não morreram! Não é?

Na visão de Patativa, a seca é um fenômeno natural, que traz sérias consequências, principalmente para os pobres sertanejos. Essas consequências poderiam ser contornadas ou resolvidas com a ajuda dos próprios seres humanos, por meio de estratégias e sistemas governamentais, a exemplo de programas sociais de proteção aos flagelados, assegurando a vida desse povo que já é injustiçado e explorado pelos patrões e governantes.

Todo esse contexto está posto nas entrelinhas líricas desse poema, como também o descaso social e político presente na ingratidão dos proprietários de terras que deixam na mão os pais de família que trabalham em suas fazendas em troca de suprimentos para matar a fome dos seus. Por muitas vezes os trabalhadores são deixados a mercê da miséria. Ao invés de procurar ajudá-los e acolhê-los de alguma maneira, os proprietários os desprezam como se evidência a seguir:

Mas, neste mundo de Cristo,
 Pobre não pode gozá.
 Eu, quando me lembro disto,
 Dá vontade de chorá.
 Quando há seca no sertão,
 Ao pobre farta feijão,
 Farinha, mio e arrôis.
 Foi isso o que aconteceu:
 A minha fia morreu
 Na seca de trinta e dois.

Vendo que não tinha inverno,
 O meu patrão, um tirano,
 Sem temê Deus nem o inferno,
 Me dexou no desengano,
 Sem nada mais me arranja.
 Teve que se alimentá,
 Minha querida Nanã,
 No mais penoso matrato,
 Comendo caça do mato
 E goma de mucunã.

E com as braba comida,
 Aquela pobre inocente
 Foi mudando a sua vida,
 Foi ficando deferente.
 Não sirria nem brincava,
 Bem pôco se alimentava
 E inquanto a sua gordura
 No corpo diminuía,
 No meu coração crescia
 A minha grande tortura.

Quando ela via o angu,
 Todo dia demanhã,
 Ou mesmo o rôxo bêju
 Da goma da mucunã,
 Sem a comida quere,
 Oiava pro dicumê,
 Depois oiava pra mim
 E o meu coração doía,
 Quando Nanã me dizia:
 Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia intero
 E a coitada não comia,
 Não brincava no terrêro,
 Nem cantava de alegria,
 Pois a farta de alimento
 Acaba o contentamento,
 Tudo destrói e consome.
 Não saía da tipóia
 A minha adorada jóia,
 Infraquecida de fome.

Nas próximas estofes 12^a a 14^a o eu poético narra as cenas tristes e marcantes que antecederam a morte de Nanã, enfatizando a dor e a tristeza do pai ao ver os sinais vitais da filha desaparecendo a cada momento. No comparar a luz de seus olhos enfraquecidos a um “candiêro vazio”, o poeta põe em jogo o cenário real com o simbólico quando ele fala “tochinha acesa / representando a tristeza / bem na ponta do pavio”, demonstrando que a vida de Nanã estava por um fio, chegava aos últimos instantes.

Nessa ocasião, acabavam as esperanças de reversão do quadro de vida dessa criança, deixando o eu lírico trespassado de dor e angústia ao imaginar que em poucas horas não teria mais sua jóia ao seu lado. Nesse ínterim, o poeta com sua perspicácia e sabedoria, descarrega sua revolta num cantar denunciante, rememorando os principais fatos que motivaram a morte de Nanã, fazendo referência ao verdadeiro estado de abandono social e político.

As próximas estrofes evidenciam também a impotência dos pais diante da morte da filha, que se acham impotentes sem poder fazer nada, demonstrando realmente as vítimas do descaso social, por pertencerem à classe pobre, viverem num estado de miséria, analfabetismo, não conhecedores, portanto, de seus direitos. O poema denuncia uma época em que o pobre homem do campo era tratado com desprezo e inferioridade, só vivia em prol do trabalho, sujeito aos patrões, trabalhando de sol a sol em troca de mantimentos para alimentar a família.

No tempo de seca, muitos proprietários agiam como o patrão tirano do poema que lhes dava o desamparo. Com isso, os camponeses, sem inverno, enfrentavam muitas dificuldades buscando sobreviver. Muitos morriam como retrata o poema. Verifiquemos:

Daqueles óio tão lindo
 Eu via a luz se apagando
 E tudo diminuindo.
 Quando eu tava reparando
 Os oinho da criança,
 Vinha na minha lembrança
 Um candiêro vazio
 Com uma tochinha acesa
 Representando a tristeza
 Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,
 Noite escura e sem luá,
 Eu vi crescer meu desgosto,
 Eu vi crescer meu pená.
 Naquela noite, a criança
 Se achava sem esperança.
 E quando veio o rompê
 Da linda e risonha orora,
 Fartava bem pôcas hora
 Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,
 Ninguém reparou nem viu
 Aquela cena de horrô
 Que o rico nunca assistiu,
 Só eu e minha muié,
 Que ainda cheia de fé
 Rezava pro Pai Eterno,
 Dando suspiro maguado
 Com o seu rosto moiado
 Das água do amô materno.

O sofrimento vivenciado pela família de Nanã é o mesmo dos flagelados da seca de 1932, conforme relata a historiadora Santana, (1985), segundo a qual os cearenses foram os

mais prejudicados devido à intensidade da seca naquela região. Santana (1985, p. 176) afirma que muitos morreram, tanto crianças como idosos, por causa do descaso social e político:

A seca de 1932 talvez tenha sido maior do que a de 1915. Pelo menos para Piripiri. A lavoura ia por terra. Escassez de gêneros, carestia, falta de dinheiro. A pobreza apelava para o “croata” e a “mucunã”. A “mucunã” para ser comida devia ser lavada em nove águas. Caso contrário era veneno puro. E água? Onde encontrar o precioso líquido? Retirantes do Ceará e de outras localidades vizinhas estacionavam em Piripiri transformando a cidade em um quadro desolador. Muitos velhinhos e crianças não resistiam à dureza das viagens. Morriam sem nenhuma assistência. Famílias flageladas seguiam em direção do Maranhão deixando os filhos entregues a alguma alma caridosa. Iam em busca da terra prometida. Era realmente um quadro triste!

O quadro da seca de 1932, retratado por Santana (1985), estabelece relação com os relatos do poeta no poema, ao ressaltar que “Quando há seca no sertão,/ Ao pobre farta feijão,/ Farinha, mio e arrôis. Foi isso o que aconteceu:/A minha fia morreu/Na seca de trinta e dois”. A seca por trazer com ela sérias consequências uma delas, a escassez de alimentos principalmente para aqueles que vivem da agricultura, foi um dos problemas que motivaram a morte de Nanã, mais que a esse foram associados outros de natureza social e político que o poeta denuncia no decorrer do poema.

A partir da 15ª até a 19ª estrofe o poeta talvez para tornar menos dolorosa a dor do eu lírico, ao ver chegar a morte da filha, traz para o poema, em sua imensa sabedoria, o esplendor da natureza e o cantar dos pássaros que, nesse momento de aflição, parece trazer um estado de contentamento, consolo e conformidade para aquela pobre família que estava em desatino, sem saber o que fazer, o que pensar.

Temos, portanto, os últimos suspiros da pequena Nanã em meio ao canto dos passarinhos fazendo de sua despedida um momento sublime e grandioso. Nesse momento, o poeta faz menção à religiosidade presente na vida dos sertanejos, especialmente quando o pai entrega sua filha a Jesus e contempla a chegada dela no céu ou “paraíso”. Nesse instante agônico de despedida, surge mais uma vez no pensamento do eu lírico o sentimento de revolta atentando para os verdadeiros atozes desse crime sem punição, ao revelar que “E a culpa não é de Deus, / A culpa é dos home rico”.

Comprovando a denúncia que o poeta faz aos líderes políticos desse país que estão no poder e tratam a pobreza com desprezo e inferioridade, um verdadeiro descaso com a classe menos desfavorecida ao chegar o ponto de sofrer até a morte, como aconteceu com muitas Nanãs, assim diz Patativa, poeta da defesa social, acompanhemos a sua denúncia:

E, enquanto nós assistia
 A morte da pequenina,
 Na manhã daquele dia,
 Veio um bando de campina,
 De canário e sabiá
 E começaram a cantá
 Um hino santificado,
 Na copa de um cajuêro
 Que havia bem no terrêro
 Do meu rancho esburacado.

Aqueles passo cantava,
 Em lovô da despedida,
 Vendo que Nanã dexava
 As misera desta vida.
 Pois não havia recurso,
 Já tava fugindo os curso.
 Naquele estado misquinho,
 Ia apressando o cansaço,
 Seguindo pelo compasso
 Das musga dos passarinho.

Na sua pequena boca
 Eu vi os laibo tremendo
 E, naquela aflição lôca,
 Ela também conhecendo
 Que a vida tava no fim,
 Foi regalando pra mim
 Os tristes oinho seu,
 Fez um esforço ai, ai, ai,
 E disse: “abença papai!”
 Fechô os óio e morreu.

Enquanto finalizava
 Seu momento derradêro,
 Lá fora os passo cantava,
 Na copa do cajuêro.
 Em vez de gemido e chôro,
 As ave cantava em coro.
 Era o bendito prefeito
 Da morte de meu anjinho.
 Nunca mais os passarinho
 Cantaro daquele jeito.

Naná foi, naquele dia,
 A Jesus mostrá seu riso
 E aumentá mais a quantia
 Dos anjo do paraíso.
 Na minha imaginação,
 Caço e não acho expressão
 Pra dizê como é que fico.
 Pensando naquele adeus
 E a culpa não é de Deus
 A culpa é dos home rico.

Por fim, na 20ª e 21ª estrofe, o autor reforça todo amor do eu lírico pela filha, como também seu lamento pela forma como tudo aconteceu, as condições da morte de Nanã desde a insensatez do patrão atribuída pela desigualdade de classes, onde foi enterrada, aponta novamente para a situação de miséria e descaso contra o ser humano, levando o eu lírico a expressar seu inconformismo num estado de infinita dor, sem expectativa de vida aqui na terra, diante de tanta injustiça e pessoas desumanas que até nas suas orações pede a morte para está próximo da filha e estar livre desse mundo, onde só tem valor aqueles que possuem dinheiro e detém o poder.

Evidencia-se através desse inconformismo, a crítica, a denúncia da injustiça com os menos favorecidos da sociedade bem como, por outro lado, o poema põe em destaque a ganância dos mais ricos, especialmente os gestores, que parecem governar em benefício próprio e não pela causa dos pobres ou da coletividade. As últimas estrofes do poema destacam a tristeza do eu lírico, inconformado com a morte da filha, ao ponto de não ver mais sentido na vida —“Toda vez que vou rezá, / Com meus juêio no chão, / Peço em minhas oração: / Nanã, venha me buscá!

Morreu no maió matrato
 Meu amô lindo e mimoso.
 Meu patrão, aquele ingrato,
 Foi o maió criminoso,
 Foi o maió assassino.
 O meu anjo pequenino
 Foi sacudido no fundo
 Do mais pobre cimitero
 E eu hoje me considero
 O mais pobre deste mundo

Saluçando, pensativo,
 Sem consolo e sem assunto,
 Eu sinto que inda tou vivo,
 Mas meu jeito é de defunto.
 Invorvido na trisreza,
 No meu rancho de pobreza,
 Toda vez que vou rezá,
 Com meus juêio no chão,
 Peço em minhas oração:
 Nanã, venha me buscá!
 (ASSARÉ, 2004, p. 38-43).

Assim, como Nanã foram muitas famílias vitimadas pela fome, principalmente a exemplo daqueles que morreram na seca de 1932, onde ocorreram muitas mortes entre idosos, crianças. Nanã representa o que aconteceu com o povo sofrido naquela época, no sertão do

Ceará, vivendo em pleno estado de miserabilidade, abandonado a própria sorte, sem assistência e proteção alguma, a esperar somente com esperança e fé, pela compaixão de Deus.

4.2 Os sentidos de “O Inferno, o Purgatório, e o Paraíso”

Um segundo poema em que se evidencia a crítica social na obra em análise é “O Inferno, o Purgatório e o Paraíso”. Constituído por 17 estrofes no total 136 versos decassílabos, com rimas na sequência de ABABABCC, o poema reflete a realidade social apresentando as desigualdades existentes entre as classes que configuram a sociedade. Para isso, Patativa, em seu cantar poético associa o imaginário religioso popular católico, metaforizando “o inferno, o purgatório, e o paraíso”, com as três classes sociais, descrevendo de maneira clara, e irônica o contexto de cada uma delas, comparando-as com a “nossa caminhada” após a morte, segundo os preceitos cristãos que ainda estão pertinentes na fé cristã dos nossos dias.

Primeiro, relata a classe menos favorecida, marcada pelo sofrimento, miséria e dificuldades representada pelo “inferno”, que é lugar de sofrimento, em segundo está a classe média, na luta pela sobrevivência vive da hipocrisia em busca de ascensão social comparada com o “purgatório”, lugar de penitência, purificação e por último temos a classe rica com muita riqueza, glória e grandeza comparada ao “paraíso” lugar dos que alcançam a salvação e encontram com Jesus.

Desse modo, essas semelhanças vistas pelo poeta entre os elementos bíblicos e as classes sociais, remetem para a dualidade entre vida e morte, a caminhada feita pela vida, e o destino de cada um após a morte, de acordo com os ensinamentos bíblicos regidos pela “doutrina cristã” do poeta. Quanto a isso, atentemos para o que diz Feitosa (2003, p. 233-234) sobre o poeta e o poema:

Passou a noite pensando na vida, até descobrir que a relação triádica entre os três elementos bíblicos e as divisões das classes na sociedade guardavam semelhança. Mais uma vez os elementos constitutivos do cenário social de Patativa e aqueles presentes no seu repertório cultural juntam-se para traduzirem poeticamente as experiências vividas. A matriz bíblica de “nossa caminhada” para a redenção está presente em várias passagens da obra patativana.

Vejamos agora a descrição do poema “O inferno, o purgatório e o paraíso”

Pela estrada da vida nós seguimos,
 Cada qual procurando melhorar,
 Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
 Desejamos, na mente, interpretar,
 Pois nós todos na terra possuímos
 O sagrado direito de pensar,
 Neste mundo de Deus, olho e divisivo
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível
 E repleto de cenas de tortura,
 Onde nota-se o drama triste horrível
 De lamentos e gritos de loucura
 E onde muitos estão no mesmo nível
 De indignância, desgraça e desventura,
 É onde vive sofrendo a classe pobre
 Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,
 Onde nunca tem certo o dormitório
 É sujeito e explorado com rigor
 Pela feia trapaça do finório
 É o inferno, em plano inferior,
 Mas acima é que fica o Purgatório,
 Que apresenta também sua comédia
 E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,
 Porém seus habitantes é preciso
 Simularem semblantes de prazer,
 Transformando a desdita num sorriso.
 E agora, meu leitor, nós vamos ver,
 Mais além, o bonito Paraíso,
 Que progride, floresce e frutifica,
 Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,
 Onde reina a coroa da potência.
 O Purgatório ali tem que render
 Homenagem, Triunfo e Obediência.
 Vai o Inferno também oferecer
 Seu imposto tirado da indignância,
 Pois, no mastro tremula, a todo instante,
 A bandeira da classe dominante.

É o Inferno o teatro do agregado
 E de todos que vivem na pobreza,
 Do faminto, do cego e do aleijado,
 Que não acham abrigo nem defesa
 E é também causador do triste fado
 Da donzela repleta de beleza
 Que, devido à cruel necessidade,
 Vende as flores de sua virgindade.

Que tristeza, que mágoa, que desgosto
 Sente a pobre mendiga pela rua!
 O retrato da dor no próprio rosto,
 Como é dura e cruel a sorte sua!
 Com o corpo mirrado e mal composto,
 A coitada chorosa continua
 A pedir, pelas praças da cidade:
 “Uma esmola, senhor, por piedade!”

Para que outro estado mais precário
 Do que a vida cansada do roceiro?
 Sem gozar do direito do salário,
 Trabalhando na roça o dia inteiro,
 Nunca pode ganhar o necessário,
 Vive sempre sem roupa e sem dinheiro,
 E, se o inverno não vem molhar o chão,
 Vai expulso da roça do patrão.

Como é triste viver sem possuir
 Uma faixa de terra para morar
 E um casebre, no qual possa dormir
 E dizer satisfeito: “este é meu lar”.
 Ninguém pode, por certo, resistir
 Tal desgraça na vida sem chorar.
 Se é que existe inferno no outro mundo
 Com certeza, o de lá é o segundo!

Veja bem, meu leitor, que quadro triste,
 Este inferno que temos nesta vida,
 O sofrimento atroz dele consiste
 Em viver sem apoio e sem guarida.
 Minha lira sensível não resiste
 Descrever tanta coisa dolorida
 Com as rimas do mesmo repertório,
 Quero um pouco falar do Purgatório

Purgatório da falsa hipocrisia,
 Onde vemos um rosto prazenteiro
 Ocultando uma dor que o excrucia
 E onde vemos também um cavalheiro
 Usar terno de linda fantasia,
 Com o bolso vazio de dinheiro:
 Pra poder trajar bem, até se obriga
 Dar, com jeito, uma prega na barriga.

Purgatório infeliz do desgraçado,
 Que trabalha e faz tudo o que é preciso
 No comércio, lutando com cuidado,
 Com desejo de entrar no Paraíso,
 Porém quando termina derrotado,
 Fracassado, com grande prejuízo,
 Desespera, enlouquece, perde a bola
 E no ouvido dispara uma pistola

Ali vemos um gesto alegre e lindo
 Disfarçando uma dor, uma aflição,
 Afirmando gozar prazer infundo
 De esperança, de sonho e de ilusão.
 Mas, enquanto esses lábios vão sorrindo,
 Vai chorando, no peito, o coração.
 É um mundo repleto de amarguras,
 Com bastante aparência de venturas.

Veja agora leitor que diferença
 Encontramos no lindo Paraíso:
 O habitante não fala de sentença
 Tudo é paz, alegria, graça e riso.
 Tem remédio e conforto, na doença
 E, se a morte lhe surge, de improviso,
 Quando morre inda deixa por memória
 Uma lousa, contando a sua glória.

Neste reino, que cresce e que vigora,
 Vive a classe feliz e respeitada,
 Tem tudo o que quer, a toda hora,
 Pois do belo e do bom não falta nada,
 Tem estrela brilhante e linda aurora,
 Borboletas azuis, contos de fada
 E, se quer gozar mais a vida sua,
 Vai uns dias passar dentro da lua.

O Paraíso e o ponto culminante
 De riqueza, grandeza e majestade,
 Ali o homem desfruta ouro e brilhante,
 Vive em plena harmonia e liberdade,
 Tem sossego, conforto e tem amante,
 Tudo quanto há de bom tem à vontade
 E a mulher, que possui corpo de elástico,
 Para não ficar velha, vai ao plástico.

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
 Pobres, médios e ricos potentados,
 Na linguagem sem arte e sem riqueza.
 Não são versos com ouro burilados,
 São singelos, são simples, sem beleza,
 Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
 Com certeza, verdade e muito siso,
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Como podemos observar nesse poema o poeta denuncia as mazelas, o sofrimento que a classe menos favorecida, “inferno”, passa para sobreviver numa sociedade, que só têm valor e prestígio os donos do poder, que no poema está relacionado ao “paraíso”, onde tudo é conforto, regalias e muita riqueza. Contudo, as outras classes lhes devem obediência,

homenagens e vivem em sujeição e favor, massacrados e oprimidos por essa gente que parece ser dona do mundo.

Já no “purgatório”, habita a classe média que aparentemente vive bem, trabalha e luta bastante para manter sua posição. Na intenção de cada dia ascender socialmente, muitas vezes passa necessidades e, para não perder a elegância, vive da “falsa hipocrisia”, mentira e fingimento.

No poema em estudo, as primeiras estrofes nos mostra, o olhar visionário e crítico do poeta para as coisas a sua volta. Enfatiza a busca que o ser humano tem em melhorar de vida, como também o direito do livre arbítrio de pensar como são as vivências do mundo, lançando seu ponto de vista para as desigualdades pertinentes na vida social das pessoas. O poeta divide a sociedade em três partes: “o inferno, o purgatório e o paraíso”. Vejamos:

Pela estrada da vida nós seguimos,
Cada qual procurando melhorar,
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
Desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos
O sagrado direito de pensar,
Neste mundo de Deus, olho e diviso
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Essa divisão é associada as três classes sociais, sendo o “inferno” a classe baixa, o “purgatório” a média, o “paraíso” a alta. Ao analisar o poema, Feitosa (2003, p. 234) chama a atenção para essa associação, observe:

As relações que Patativa fez entre as três classes sociais e os elementos míticos – inferno, purgatório e paraíso- são resultantes da visão de mundo do poeta, onde se destacam as marcas da ética cristã, que ele tira dos ensinamentos bíblicos e faz uma metáfora com as divisões das classes sociais.

A classe pobre referenciada no poema vive no “inferno”, na condição de miséria, fome e sofrimento, por não ter “cobre”, quer dizer, dinheiro. A vida deles é comparada a um “abismo,” ou seja, a um buraco fundo, escuro e sem fim devido os tantos obstáculos que encaram pela vida.

No 6º verso da 3ª estrofe o autor apresenta o “purgatório”, onde se enquadra a classe média, que na visão do poeta padecem por viverem de aparência e ilusão. Para sociedade simulam ter boa vida e tudo correr bem, embora na realidade trabalhem muito para manter sua posição e não cair para o “inferno” ou “classe pobre”. Mais à frente temos o “paraíso” onde habita a “classe rica,” “tudo é paz, alegria, graça e riso”, maravilhoso e prazeroso.

Ao qualificar ou descrever essa classe, verifica-se a crítica social acerca desse grupo, que triunfa e tripudia em cima da classe pobre “inferno”, uma vez que devido seu dinheiro, ocupa lugar de importância e dominação na sociedade, colocando o “inferno” e o “purgatório” para lhes render “homenagens e obediência”, mostrando assim, que manda quem tem poder e que os ricos são os reis da potência. Vejamos o que diz o poema:

Este Inferno, que temos bem visível
 E repleto de cenas de tortura,
 Onde nota-se o drama triste horrível
 De lamentos e gritos de loucura
 E onde muitos estão no mesmo nível
 De indignância, desgraça e desventura,
 É onde vive sofrendo a classe pobre
 Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,
 Onde nunca tem certo o dormitório
 É sujeito e explorado com rigor
 Pela feia trapaça do finório
 É o inferno, em plano inferior,
 Mas acima é que fica o Purgatório,
 Que apresenta também sua comédia
 E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,
 Porém seus habitantes é preciso
 Simularem semblantes de prazer,
 Transformando a desdita num sorriso.
 E agora, meu leitor, nós vamos ver,
 Mais além, o bonito Paraíso,
 Que progride, floresce e frutifica,
 Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,
 Onde reina a coroa da potência.
 O Purgatório ali tem que render
 Homenagem, Triunfo e Obediência.
 Vai o Inferno também oferecer
 Seu imposto tirado da indignância,
 Pois, no mastro tremula, a todo instante,
 A bandeira da classe dominante.

Da 6ª a 10ª estrofe o eu poético faz uma crítica social aos ocupantes do “inferno”, mostrando mais uma vez com real clareza o cenário vivido pela classe baixa. A fome, a miséria, a prostituição, (pois, ao passar necessidade a “donzela” vende seu próprio corpo), esses são fatores que fazem parte do contexto dessa classe, que o autor exorta muito bem, como também relata o sofrer dos mendigos que esperam pela vontade das pessoas por

viverem no total abandono e descaso social. Do mesmo modo descreve sobre o pobre agricultor, que trabalha de sol a sol, sendo explorado pelo patrão, sem ter salário certo e em muitos casos em tempos de seca sendo dispensados, ficando num estado de miserabilidade com a família, sem terra e sem teto para morar.

São tantos os problemas e percalços na vida desse povo que o poeta chega a mencionar que, “Se é que existe inferno no outro mundo com certeza, o de lá é o segundo!”, diante do quadro de tormento e tristeza presentes na vida dos que habitam a classe pobre. Sendo assim, o poeta chama a atenção do leitor para a condição de vida desses pobres que não tem apoio de nada e de ninguém, vivem na situação de total descaso, desprezo e desamparo social, como revelam as estrofes a seguir:

É o Inferno o teatro do agregado
E de todos que vivem na pobreza,
Do faminto, do cego e do aleijado,
Que não acham abrigo nem defesa
E é também causador do triste fado
Da donzela repleta de beleza
Que, devido à cruel necessidade,
Vende as flores de sua virgindade.

Que tristeza, que mágoa, que desgosto
Sente a pobre mendiga pela rua!
O retrato da dor no próprio rosto,
Como é dura e cruel a sorte sua!
Com o corpo mirrado e mal composto,
A coitada chorosa continua
A pedir, pelas praças da cidade:
“Uma esmola, senhor, por piedade!”

Para que outro estado mais precário
Do que a vida cansada do roceiro?
Sem gozar do direito do salário,
Trabalhando na roça o dia inteiro,
Nunca pode ganhar o necessário,
Vive sempre sem roupa e sem dinheiro,
E, se o inverno não vem molhar o chão,
Vai expulso da roça do patrão.

Como é triste viver sem possuir
Uma faixa de terra para morar
E um casebre, no qual possa dormir
E dizer satisfeito: “este é meu lar”.
Ninguém pode, por certo, resistir
Tal desgraça na vida sem chorar.
Se é que existe inferno no outro mundo
Com certeza, o de lá é o segundo!

Veja bem, meu leitor, que quadro triste,
 Este inferno que temos nesta vida,
 O sofrimento atroz dele consiste
 Em viver sem apoio e sem guarida.
 Minha lira sensível não resiste
 Descrever tanta coisa dolorida
 Com as rimas do mesmo repertório,
 Quero um pouco falar do Purgatório

Temos a seguir, mais uma descrição do purgatório. Ao descrevê-lo, o poeta enquadra os que nele se encontram aos pobres do inferno, compartilhando basicamente das mesmas dificuldades financeiras e econômicas. Na realidade não apresentam o que são na verdade, vivem de aparência para a sociedade, sempre com desejo de ascender socialmente, entrar no “paraíso” e não serem confundidos com os pobres. Tudo parece está lindo, maravilhoso, para isso, trabalham bastante.

Para manter sua posição de destaque, muitos passam fome, como diz o verso “pra poder trajar bem até se obriga/dar, com jeito uma prega na barriga” tudo em prol de *status* e muitos quando não conseguem esses objetivos percebem que tudo é ilusão, que estão no prejuízo e derrotados, entram num estado de aflição, angústia, desespero e acabam atentando contra a própria vida.

Como diz o poeta, “Purgatório da falsa hipocrisia” de mentiras, falsidades que os envolve num mundo ilusório de fantasia, aparência e ganância em adquirir sempre mais e assumir posição de poder. A hipocrisia é uma característica presente nos seres humanos, que significa fingimento, mentira, falsidade e que é contra os princípios bíblicos. Vejamos as estrofes:

Purgatório da falsa hipocrisia,
 Onde vemos um rosto prazenteiro
 Ocultando uma dor que o excrucia
 E onde vemos também um cavalheiro
 Usar terno de linda fantasia,
 Com o bolso vazio de dinheiro:
 Pra poder trajar bem, até se obriga
 Dar, com jeito, uma prega na barriga.

Purgatório infeliz do desgraçado,
 Que trabalha e faz tudo o que é preciso
 No comércio, lutando com cuidado,
 Com desejo de entrar no Paraíso,
 Porém quando termina derrotado,
 Fracassado, com grande prejuízo,
 Desespera, enlouquece, perde a bola
 E no ouvido dispara uma pistola

Ali vemos um gesto alegre e lindo
 Disfarçando uma dor, uma aflição,
 Afirmando gozar prazer infindo
 De esperança, de sonho e de ilusão.
 Mas, enquanto esses lábios vão sorrindo,
 Vai chorando, no peito, o coração.
 É um mundo repleto de amarguras,
 Com bastante aparência de venturas.

Nas estrofes seguintes, o poeta lança seu ponto de vista, exortando outra vez com exatidão e objetividade como vivem os privilegiados do “paraíso” convidando o leitor para observar as divergências existentes entre as classes e o quanto sofrem os mais fracos nesse mundo de tanta desigualdade. No “paraíso” só reina alegria, glória, muita riqueza, os seus habitantes possuem tudo que desejam e que o dinheiro pode comprar. Para o homem não existe tristeza, lamento, nem miséria, é só sossego, conforto e harmonia. Para doença existe o remédio e se por acaso a morte chegar deixam seu legado, contando sua trajetória de respeito e glória. Vejamos:

Veja agora leitor que diferença
 Encontramos no lindo Paraíso:
 O habitante não fala de sentença
 Tudo é paz, alegria, graça e riso.
 Tem remédio e conforto, na doença
 E, se a morte lhe surge, de improviso,
 Quando morre inda deixa por memória
 Uma lousa, contando a sua glória.

Neste reino, que cresce e que vigora,
 Vive a classe feliz e respeitada,
 Tem tudo o que quer, a toda hora,
 Pois do belo e do bom não faltanada,
 Tem estrela brilhante e linda aurora,
 Borboletas azuis, contos de fada
 E, se quer gozar mais a vida sua,
 Vai uns dias passar dentro da lua.

O Paraíso e o ponto culminante
 De riqueza, grandeza e majestade,
 Ali o homem desfruta ouro e brilhante,
 Vive em plena harmonia e liberdade,
 Tem sossego, conforto e tem amante,
 Tudo quanto há de bom tem à vontade
 E a mulher, que possui corpo de elástico,
 Para não ficar velha, vai ao plástico.

Observe que nesse poema Patativa não se utiliza da linguagem matuta, como no poema anterior. Segundo Feitosa (2003, p. 237), o poeta revela o seguinte:

Não há dúvidas quanto a isso. Não obstante, Patativa usa dos artifícios da cultura letrada e erudita. Ou seja, preferiu escrever este poema em norma culta. Apenas para mostrar, com maestria, que é um poeta que escreve indistintamente nas linguagens matuta e erudita.

O próprio poeta finaliza o poema fazendo esse reconhecimento:

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
 Pobres, médios e ricos potentados,
 Na linguagem sem arte e sem riqueza.
 Não são versos com ouro burilados,
 São singelos, são simples, sem beleza,
 Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
 Com certeza, verdade e muito siso,
 O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.
 (ASSARÉ, 2004, p. 43-47).

O poeta por ter uma visão aguçada para os fatos reais a seu tempo, não obstante faz no poema estudado três críticas sociais: uma em favor daqueles que socialmente são marginalizados no caso os pobres, por denunciar claramente o quadro triste de miséria e abandono em que vivem “sem apoio e sem guarida”, numa situação totalmente oposta as outras classes. As outras trazem o retrato da classe média que enfatiza a hipocrisia de um povo que vive de falsidade e aparência e a classe rica que esbanja poder, riqueza, luxo pouco se importa com os pobres fazendo relação com os políticos.

Essa realidade descrita no poema é parte da vida cotidiana de muitas pessoas e até mesmo das vivências do poeta, tendo em vista, que toda sua arte poética foi à base de suas experiências e do mundo a sua volta, a exemplo do sofrimento do povo oprimido e de todos os percalços presentes, apontados no poema.

Para legitimar essa afirmação atentemos para o que Feitosa (2003, p. 217), nos diz a respeito da poesia patativana:

Os quadros que compõem a narração poética de Patativa do Assaré são fragmentos de sua vida, recortes de um tempo social vivido por ele e partilhado por seus coetâneos, dentro e fora do seu território, portanto, sua poética põe a mostra fragmentos do real.

Como podemos perceber, o autor, com objetivo de mostrar as desigualdades sociais pertinentes na sociedade, reivindica, revela, reelabora os acontecimentos sociais cotidianos das pessoas, associando-os aos ensinamentos bíblicos cristãos sobre: o “inferno”, o “purgatório” e o “paraíso”, os quais remetem para a “caminhada” da alma após a morte, proferindo que aqueles que seguiram os mandamentos de Deus estão salvos e herdaram o

“paraíso”. Trazendo esse pensamento para o contexto do poema, vimos que isso se aplica a classe rica, que vive de conforto e maravilhas. Os que cometem pecados leves precisam purgar suas falhas, purificar sua alma no “purgatório”. A classe média se enquadra nessa descrição, pois nela vivem aqueles que se apóiam na “hipocrisia” e os que pecam contra Deus e não se arrependem esses são condenados com penalidades eternas no “inferno” retoma para o sofrimento da classe pobre.

Assim, ao aproximar o povo das suas vivências sociais, através da cultura religiosa, Patativa conseguiu ressaltar a real condição da sociedade, tornando-se o principal defensor dos mais oprimidos.

4.3 Caracterizando o “Brasi de Cima e Brasi de Baxo”

Uma das principais características do poeta Patativa do Assaré é a desenvoltura com que cria verso. Ao se descobrir poeta demonstra uma profunda capacidade de perceber as coisas ao seu redor e a sua aguçada visão para o mundo que compõe o seu cotidiano. Como vimos o poeta enxerga com sensibilidade as vivências sociais do seu povo, tornando-se portavoz, denunciando situações de injustiça. Nesse sentido, a voz do poeta é de crítica e seu canto ecoa pela cidade através de sua poesia rimada e cheia de vivência do homem nordestino.

O fato é que poucos poetas tiveram a coragem, o discernimento crítico e reivindicativo que Patativa, enquanto homem do campo, semi- analfabeto, teve ao enveredar na poesia com o propósito de mostrar a realidade, sempre lutando pelas causas sociais em prol dos menos favorecidos, adotando uma postura de combate, protesto e de ponto de vista formulado inalienável. Principalmente se tratando da política, manteve-se sempre em oposição a aqueles que de uma forma ou outra tiravam proveito, explorava e praticava injustiças aos da classe pobre.

Certamente por isso, lhe foi concedido o título de poeta da justiça social, visto que em toda sua vida poética esteve sempre a versejar os problemas, mazelas, sofrimentos, desigualdades das classes. Enfim, contextualizar para as poesias os fatores sociais decorrentes na sociedade brasileira, como pode se verificar no poema Brasi de Cima e Brasi de Baxo:

Meu compadre Zé Fulô,
Meu amigo e companheiro,
Faz quage um ano que eu tou
Neste Rio de Janêro;
Eu sai do Cariri

Maginando que isto aqui
 Era uma terra de sorte,
 Mas fique sabendo tu
 Que a miséria aqui no Su
 É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.
 Eu pude vê neste crima,
 Que tem o Brasi de Baxo
 E tem o Brasi de Cima.
 Brasi de Baxo, coitado!
 É um pobre abandonado;
 O de Cima tem cartaz,
 Um do ôtro é bem deferente:
 Brasi de Cima é pra frente,
 Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasi de Cima,
 Não há dô nem indigênça,
 Reina o mais soave crima
 De riqueza e de opulênça;
 Só se fala de progresso,
 De grandeza e produção.
 Porém, no Brasi de Baxo
 Sofre a feme e sofre o macho
 A mais dura privaçon.

Brasi de Cima festeja
 Com orquestra e com banquete,
 De uísque dréa e cerveja
 Não tem quem conte os rodete.
 Brasi de Baxo, coitado!
 Vê das casa despejado
 Home, menino e muié
 Sem achá onde morá
 Proque não pode pagá
 O dinhêro do alugué.

No Brasi de Cima anda
 As trombeta em arto som
 Ispaiando as propaganda
 De tudo aquilo que é bom.
 No Brasi de Baxo a fome
 Matrata, fere e consome
 Sem ninguém lhe defendê;
 O desgraçado operaro
 Ganha um pequeno salaro
 Que não dá pra vivê.

Enquanto o Brasi de Cima
 Fala de transformação,
 Industria, matéria-prima,
 Descobertas e invençon,
 No Brasi de Baxo isiste
 O drama penoso e triste

Da negra necessidade;
 É uma coisa sem jeito
 E o povo não tem direito
 Nem de dizê a verdade.
 No Brasi de Baxo eu vejo
 Nas ponta das pobre rua
 O descontente cortejo
 De criança quage nua.
 Vai um grupo de garoto
 Faminto, doente e roto
 Mode caçá o que comê
 Onde os carro põe o lixo,
 Como se eles fosse bicho
 Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
 Estes fio do abandono,
 Que veve vagando à toa
 Como objeto sem dono,
 De manêra que horroriza,
 Deitado pela marquiza,
 Dromindo aqui a açula
 No mais penoso relaxo,
 É deste Brasi de Baxo
 A crasse dos marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
 Pra onde é que você vai?
 Nesta vida do mendigo
 Que não tem mãe nem pai?
 Não se afrija, nem se afobe,
 O que com o tempo sobe,
 O tempo mesmo derruba;
 Talvez ainda aconteça
 Que o Brasi de Cima desça
 E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
 Mas não pode recramá,
 Ispondo suas razão
 Nas coluna do jorná.
 Mas, tudo na vida passa,
 Antes que a grande desgraça
 Deste povo que padece
 Se istenda, cresça e redrobe,
 O brasi de Baxo sobe
 E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,
 Vai havê transformação
 Para os que veve sintindo
 Abondono e sujeição.
 Se acaba a dura sentença
 E a liberdade de imprensa
 Vai sê legá e comum,

Em vez deste grande apuro,
 Todos vão tê no futuro
 Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
 De riqueza todo cheio,
 Mas, que o dono do podê
 Respeite o dereito aleio.
 Um grande e rico país
 Mundo ditoso e feliz,
 Um Brasi dos brasilêro,
 Um Brasi de cada quá,
 Um Brasi nacioná
 Sem monopolo istrangêro.
 (ASSARÉ, 2004)

Atentando para sua forma, percebemos que o poema se compõe de 12 estrofes de 10 versos heptassílabos, com rimas que obedecem à sequência de ABABCCDEED. Escrito na linguagem popular, descreve a realidade brasileira, apresentando as desigualdades e as divergências entre as classes sociais de uma maneira crítica, ao explicitar para o leitor a existência de dois Brasis que vivem em completo ambiente de contradição: um marcado por miséria, mazelas e abandono social o (“Brasi de Baxo”) e o outro por progresso, transformação, bem-estar e riquezas o (“Brasi de cima”).

Temos assim, a caracterização de uma realidade que evidencia a real condição do Brasil, país imenso que economicamente cresceu mais para o sul e sudeste, deixando o Nordeste na condição de atraso e pobreza.

O poema se inicia com uma “conversa” entre um nortista e seu compadre de nome “Zé Fulô”. O nortista narra para o amigo como esteve enganado a respeito às terras do sul do país, declarando que há “quage um ano” está na cidade do Rio de Janeiro, tendo vindo em busca de melhores condições de vida, mas na realidade deparou-se com o mesmo estado de miserabilidade, desprezo social e injustiça para com as pessoas que vivem à margem da sociedade, ou seja, a mesma falta de apoio e desinteresse dos líderes políticos ocorrente nas terras do norte permanecia nas terras do sul, havendo somente a troca de cenário, mas os figurantes, atuantes e protagonistas são os mesmos.

O eu lírico declara, como já afirmamos, a existência de dois Brasis, o “Brasi de baxo” que sofre privações, ao qual não lhe é dado a possibilidade de lutar por seus direitos, além do desemprego e, com ele a fome, a falta de um teto por não ter dinheiro para pagar aluguel. Consequentemente passam a viver nas ruas, debaixo de pontes, sem ter lugar certo para dormir, “faminto, doente e roto” comparados a bicho comendo restos de comida encontrados

no lixo. São pobres marginalizados e abandonados os que habitam no “Brasi de Baxo, coitado”!

Já os habitantes do Brasi de Cima, vivem em situação oposta, de muitas realizações, “progresso”, riqueza e, com ela, festanças, comemorações, fartura alimentícia, bebidas a vontade, um verdadeiro “paraíso”-- como se verificou no poema “O inferno, o purgatório e o paraíso”. O “inferno” também comparece no “Brasi de baxo”, explicitamente quando o poeta se refere aos seus habitantes como “a crasse dos marginá”. Observe:

Meu compadre Zé Fulô,
 Meu amigo e companheiro,
 Faz quage um ano que eu tou
 Neste Rio de Janêro;
 Eu sai do Cariri
 Maginando que isto aqui
 Era uma terra de sorte,
 Mas fique sabendo tu
 Que a miséra aqui no Su
 É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.
 Eu pude vê neste crima,
 Que tem o Brasi de Baxo
 E tem o Brasi de Cima.
 Brasi de Baxo, coitado!
 É um pobre abandonado;
 O de Cima tem cartaz,
 Um do ôtro é bem deferente:
 Brasi de Cima é pra frente,
 Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasi de Cima,
 Não há dô nem indigença,
 Reina o mais soave crima
 De riqueza e de opulença;
 Só se fala de progresso,
 De grandeza e produção.
 Porém, no Brasi de Baxo
 Sofre a feme e sofre o macho
 A mais dura privação.

Brasi de Cima festeja
 Com orquestra e com banquete,
 De uísque dréa e cerveja
 Não tem quem conte os rodete.
 Brasi de Baxo, coitado!
 Vê das casa despejado
 Home, menino e muié
 Sem achá onde morá
 Proque não pode pagá
 O dinhêro do alugué.

No Brasi de Cima anda
 As trombeta em arto som
 Ispaiando as propaganda
 De tudo aquilo que é bom.
 No Brasi de Baxo a fome
 Matrata, fere e consome
 Sem ninguém lhe defendê;
 O desgraçado operaro
 Ganha um pequeno salario
 Que não dá pra vivê.

Enquanto o Brasi de Cima
 Fala de transformação,
 Industria, matéria-prima,
 Descobertas e invenção,
 No Brasi de Baxo isiste
 O drama penoso e triste
 Da negra necessidade;
 É uma coisa sem jeito
 E o povo não tem direito
 Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo
 Nas ponta das pobre rua
 O descontente cortejo
 De criança quage nua.
 Vai um grupo de garoto
 Faminto, doente e roto
 Mode caçá o que comê
 Onde os carro põe o lixo,
 Como se eles fosse bicho
 Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
 Estes fio do abandono,
 Que veve vagando à toa
 Como objeto sem dono,
 De manêra que horroriza,
 Deitado pela marquiza,
 Dromindo aqui a açula
 No mais penoso relaxo,
 É deste Brasi de Baxo
 A crasse dos marginá.

No discurso poético das últimas estrofes, o eu lírico deixa evidente o seu desencanto com desprezo que apresenta o “Brasi de Baxo”, mas, ao mesmo tempo, lança um fio de esperança de possível reversão desse quadro social, pois “O que com o tempo sobe, o tempo mesmo derruba”. Fica exposto, portanto, a possibilidade de havendo uma transformação a realidade possa se reverter, afinal, “tudo na vida passa”.

E se realmente o Brasi de Baxo conseguir a posição do Brasi de Cima “vai havê transformação”. O povo oprimido cansado de sofrer terá a liberdade que tanto almeja, desde que tenha a oportunidade de expressão para exigir seus direitos e acima de tudo ser respeitado pelos dirigentes da nação.

Assim, com a concretização desse sonho o Brasil, país de grandes riquezas e belezas, se tornará “um Brasi dos brasilêro”, Brasil de paz, de idealizações, coletividade e mais justo, é o que declara o poeta na última estrofe:

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida do mendigo
Que não tem mãe nem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondo suas razão
Nas coluna do jorná.
Mas, tudo na vida passa,
Antes que a grande desgraça
Deste povo que padece
Se istenda, cresça e redrobe,
O brasi de Baxo sobe
E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,
Vai havê transformação
Para os que veve sintindo
Abondono e sujeição.
Se acaba a dura sentença
E a liberdade de imprensa
Vai sê legá e comum,
Em vez deste grande apuro,
Todos vão tê no futuro
Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
De riqueza todo cheio,
Mas, que o dono do podê
Respeite o dereito aleio.
Um grande e rico país
Mundo ditoso e feliz,
Um Brasi dos brasilêro,
Um Brasi de cada quá,
Um Brasi nacioná

Sem monopolo estrangeiro.
(ASSARÉ, 2004, p..)

Revela-se ainda outro aspecto importante na estrutura poética do poema, a presença das antíteses, que servem para demonstrar as contradições e os contrastes que configuram a sociedade brasileira. O uso desse recurso no poema desde o título “Brasi de cima e Brasi de baxo” dá mais ênfase e sentido ao discurso denunciante do poeta ao apontar o ambiente de total contrariedade que vive os brasileiros e também para traduzir aos leitores com precisão mais uma de suas mensagens sociais, caracterizando nesse cenário dois quadros divergentes: ricos e pobres.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Durante o trajeto dessa pesquisa, podemos perceber a grande importância e relevância que tem para nossa literatura a poesia de Antonio Gonçalves da Silva, Patativa do Assaré. Por traduzir e, ao mesmo tempo, nos levar para o convívio social do mundo que nos cerca, através de uma linguagem simples, mas objetiva, que nos faz refletir acerca da realidade brasileira, mais especificamente a nordestina.

Sua bagagem histórica, cultural e social, influenciou bastante em seus poemas, pois, como foi visto no decorrer desse estudo, Patativa fez de suas experiências e vivências cotidianas do povo o caminho para interpretar, desenvolver sua personalidade e senso crítico para as coisas. Contudo, lhe veio à preocupação e o anseio de lutar pelas causas sociais fazendo de sua arte a “porta” de entrada e saída de representação do mundo.

Objetivamos analisar três de seus poemas “A morte de Nanã,” “O inferno, o purgatório e o paraíso”, “Brasi de cima e Brasi de baxo,” procurando perceber de que maneira e quais recursos de linguagem o poeta se utiliza para construir seu discurso reivindicativo, denunciando assim, problemas sociais existentes no contexto brasileiro.

Ao longo das análises compreendemos que as denúncias sociais presentes nesses poemas revelam basicamente as mesmas coisas: o sofrimento das pessoas que vivem à margem da sociedade na luta pela sobrevivência, a miséria, o descaso social e político, a desigualdade das classes, a desvalorização do agricultor, a tirania dos governantes as injustiças ao povo oprimido.

Ao apresentar os problemas, os percalços e as mazelas sociais para sociedade, por meio de sua poética, Patativa colabora para despertar o senso crítico das pessoas, para luta pela liberdade, pela igualdade de classes, pelos direitos humanos.

Então, não é por acaso que ele é conhecido como poeta da justiça social, por descrever a real verdade em seu canto que nos transporta para o ontem, o hoje e o sempre.

REFERÊNCIAS

ASSARÉ, Patativa do. **Cante lá que eu canto cá: Filosofia de um trovador nordestino**: 14 ed. Petrópolis: vozes, 2004.

AYALA, Maria Ignez Novais, **Aprendendo a aprender a cultura popular**. In: PINHEIRO, Hélder (org). Pesquisa em literatura. Campina Grande: Bagagem, 2011.

_____. **No arranco do grito**: aspectos da cantoria nordestina. São Paulo: Ática, 1988.

_____. **Riqueza de pobre**. Literatura e Sociedade – Revista de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo, n.2, 1997. P. 160-169.

ABREU, Márcia de. **Histórias de cordéis e folhetos**, 1999.

ANDRADE, Cláudio Henrique Sales. **Patativa do Assaré**: as razões da emoção – capítulos de uma poética sertaneja. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2000.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. São Paulo: Companhia de letras, 2000.

CASCUDO, Luíz da Câmara. **Cinco livros do povo**. João Pessoa: UFPB, 1972.

CAVALCANTI, Carlos Alberto de Assis. **A atualidade da Literatura de Cordel**. Recife: 2007. Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de Pernambuco. CAC. Letras, 2007.

CARVALHO, Gilmar de. **Patativa do Assaré**: Pássaro liberto. Fortaleza; Museu do Ceará, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Ed. Nacional, 1980.

FEITOSA, Luíz Tadeu. **Patativa do Assaré**: A trajetória de um canto. São Paulo: Escrituras editora, 2003.

JÚNIOR, Diegues. M. **Literatura de cordel**: Cadernos de Folclore. Rio de Janeiro: Ministério da Educação e Cultura, 1975.

MOISÉS, Massaud. **A Análise Literária**. São Paulo: Cultrix editora, Ano: 91-92-92-94-95.

PINTO, Maria Isaura Rodrigues. **O cordel como Campo de Intercâmbio e Tensão de Valores Culturais**. IN: Revista Litteris. Ano II. Nº 2. Rio de Janeiro. Maio de 2009. P. 1-7.

PINHEIRO, Maria do Socorro. **Revista de letras**: Patativa do Assaré: Poesia que brota da terra: Fortaleza. Ed. Universidade Federal do Ceará, 2005.

SANTANA, Judith Alves. **Piripiri**. Publicação livre. Piauí, 1972.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Trad. de Jerusa Pires Ferreira ET AL. São Paulo: Hucitec, 1997.

[HTTP://WWWafecatolica.com/produções/novíssimos – do homem – céu – inferno – e – purgatório](http://www.afecatolica.com/produções/novíssimos-do-homem-céu-inferno-e-purgatório). Acessado dia 01/05/2016.

ANEXOS

“A morte de Nanã” (Patativa do Assaré)

Eu vou contá uma história
Que eu não sei como comece,
Pruquê meu coração chora,
A dor no meu peito cresce,
Aumenta o meu sofrimento
E fico ouvindo o lamento
De minha alma dolorida,
Pois é bem triste a sentença,
De quem perdeu na existência
O que mais amou na vida.

Já tô véio, acabrunhado,
Mas em riba deste chão,
Fui o mais afortunado
De todos filhos de Adão.
Dentro da minha pobreza,
Eu tinha grande riqueza:
Era uma querida filha,
Porém morreu muito nova.
Foi sacudida na cova
Com seis ano e doze dia.

Morreu na sua inocência
Aquele anjo encantadô,
Que foi na sua existência,
A cura da minha dor
E a vida do meu vivê.
Eu beijava, com prazê,
Todo dia de manhã,
Sua face pura e bela.
Era Ana o nome dela,
Mas eu chamava Nanã.

Nanã tinha mais primô
Do que as mais bonita jóia,
Mais linda do que as fulô
De um tá de Jardim de Tróia
Que fala o doutô Conrado.
Seu cabelo cacheado,
Preto da cor de veludo.
Nanã era meu tesouro,
Meu diamante, meu ouro,
Meu anjo, meu céu, meu tudo.

Pelo terreiro corria,
Sempre se rindo e cantando,
Era nutrida e sadia,
Pois, mesmo se alimentando
Com feijão, milho e farinha,
Era gorda, bem gordinha
Minha querida Nanã,
Tão gorda que reluzia.

O seu corpo parecia
Uma banana maçã.

Todo dia, todo dia,
Quando eu voltava da roça,
Na mais completa alegria,
Dentro da minha paióça
Minha Nanã eu achava.
Por isso, eu não invejava
Riqueza nem posição
Dos grande deste país,
Pois eu era o mais feliz
De todos filho de Adão.

Mas, neste mundo de Cristo,
Pobre não pode gozá.
Eu, quando me lembro disto,
Dá vontade de chorá.
Quando há seca no sertão,
Ao pobre falta feijão,
Farinha, milho e arroz.
Foi isso que aconteceu:
A minha filha morreu,
Na seca de trinta e dois.

Vendo que não tinha inverno,
O meu patrão, um tirano,
Sem temê Deus nem o inferno,
Me deixou no desengano,
Sem nada mais me arranjà.
Teve que se alimentá,
Minha querida Nanã,
No mais penoso maltrato,
Comendo caça do mato
E goma de mucunã.

E com as braba comida,
Aquela pobre inocente
Foi mudando a sua vida,
Foi ficando diferente.
Não se ria nem brincava,
Bem pouco se alimentava
E enquanto a sua gordura
No corpo diminuía,
No meu coração crescia
A minha grande tortura.

Quando ela via o angu,
Todo dia de manhã,
Ou mesmo o rôxo bêjú
Da goma da mucunã,
Sem a comida querer,
Oiava pro de comê,
Depois oiava pra mim
E o meu coração doía,

Quando Nanã me dizia:
Papai, ô comida ruim!

Se passava o dia inteiro
E a coitada não comia,
Não brincava no terreiro
Nem cantava de alegria,
Pois a falta de alimento
Acaba o contentamento,
Tudo destrói e consome.
 Não saía da tipóia
 A minha adorada jóia,
 Enfraquecida de fome.

Daqueles óio tão lindo
Eu via a luz se apagando
 E tudo diminuindo.
Quando eu tava reparando
 Os oínho da criança,
Vinha na minha lembrança
 Um candieiro vazio
Com uma tochinha acesa
Representando a tristeza
 Bem na ponta do pavio.

E, numa noite de agosto,
 Noite escura e sem luá,
Eu vi crescer meu desgosto,
 Eu vi crescer meu pená.
Naquela noite, a criança
Se achava sem esperança.
 E quando veio o rompê
Da linda e risonha aurora,
Faltava bem poucas hora
 Pra minha Nanã morrê.

Por ali ninguém chegou,
Ninguém reparou nem viu
 Aquela cena de horrô
Que o rico nunca assistiu,
 Só eu e minha muié,
 Que ainda cheia de fé
Rezava pro Pai Eterno,
Dando suspiro magoado
Com o seu rosto moiado
Das água do amô materno.

E, enquanto nós assistia
 A morte da pequenina,
Na manhã daquele dia,
Veio um bando de campina,
 De canário e sabiá
 E começaram a cantá
 Um hino santificado,
Na copa de um cajueiro

Que havia bem no terreiro
Do meu rancho esburacado.

Aqueles pássaro cantava,
Em louvô da despedida,
Vendo que Nanã deixava
As miséria desta vida.
Pois não havia recurso,
Já tava fugindo os pulso.
Naquele estado mesquinho,
Ia apressando o cansaço,
Seguindo pelo compasso
Das música dos passarinho.

Na sua pequena boca
Eu vi os lábio tremendo
E, naquela aflição louca,
Ela também conhecendo
Que a vida tava no fim,
Foi arregalando pra mim
Os tristes oincho seu,
Fez um esforço ai, ai, ai,
E disse: “abença papai!”
Fechou os ói e morreu.

Enquanto finalizava
Seu momento derradeiro,
Lá fora os pássaro cantava,
Na copa do cajueiro.
Em vez de gemido e chôro,
As ave cantava em coro.
Era o bendito perfeito
Da morte de meu anjinho.
Nunca mais os passarinho
Cantaram daquele jeito.

Nanã foi, naquele dia,
A Jesus mostrá seu riso
E aumentá mais a quantia
Dos anjo do Paraíso.
Na minha imaginação,
Caço e não acho expressão
Pra dizê como é que fico.
Pensando naquele adeus
E a culpa não é de Deus,
A culpa é dos home rico.

Morreu no maió maltrato
Meu amô lindo e mimoso.
Meu patrão, aquele ingrato,
Foi o maió criminoso,
Foi o maió assassino.
O meu anjo pequenino
Foi sacudido no fundo
Do mais pobre cemitério

E eu hoje me considero
O mais pobre deste mundo.

Soluçando, pensativo,
Sem consolo e sem assunto,
Eu sinto que inda tô vivo,
Mas meu jeito é de defunto.
Envolvido na tristeza,
No meu rancho de pobreza,
Toda vez que eu vou rezá,
Com meus joêio no chão,
Peço em minhas oração:
Naná, venha me buscá!

(ASSARÉ, 2004)

“O inferno, o purgatório e o paraíso”(Patativa do Assaré)

Pela estrada da vida nós seguimos,
Cada qual procurando melhorar,
Tudo aquilo, que vemos e que ouvimos,
Desejamos, na mente, interpretar,
Pois nós todos na terra possuímos
O sagrado direito de pensar,
Neste mundo de Deus, olho e divisio
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

Este Inferno, que temos bem visível
E repleto de cenas de tortura,
Onde nota-se o drama triste horrível
De lamentos e gritos de loucura
E onde muitos estão no mesmo nível
De indignância, desgraça e desventura,
É onde vive sofrendo a classe pobre
Sem conforto, sem pão, sem lar, sem cobre.

É o abismo do povo sofredor,
Onde nunca tem certo o dormitório
É sujeito e explorado com rigor
Pela feia trapaça do finório
É o inferno, em plano inferior,
Mas acima é que fica o Purgatório,
Que apresenta também sua comédia
E é ali onde vive a classe média.

Este ponto também tem padecer,
Porém seus habitantes é preciso
Simularem semblantes de prazer,
Transformando a desdita num sorriso.
E agora, meu leitor, nós vamos ver,
Mais além, o bonito Paraíso,

Que progride, floresce e frutifica,
Onde vive gozando a classe rica.

Este é o Éden dos donos do poder,
Onde reina a coroa da potência.
O Purgatório ali tem que render
Homenagem, Triunfo e Obediência.
Vai o Inferno também oferecer
Seu imposto tirado da indigência,
Pois, no mastro tremula, a todo instante,
A bandeira da classe dominante.

É o Inferno o teatro do agregado
E de todos que vivem na pobreza,
Do faminto, do cego e do aleijado,
Que não acham abrigo nem defesa
E é também causador do triste fado
Da donzela repleta de beleza
Que, devido à cruel necessidade,
Vende as flores de sua virgindade.

Que tristeza, que mágoa, que desgosto
Sente a pobre mendiga pela rua!
O retrato da dor no próprio rosto,
Como é dura e cruel a sorte sua!
Com o corpo mirrado e mal composto,
A coitada chorosa continua
A pedir, pelas praças da cidade:
“Uma esmola, senhor, por piedade!”

Para que outro estado mais precário
Do que a vida cansada do roceiro?
Sem gozar do direito do salário,
Trabalhando na roça o dia inteiro,
Nunca pode ganhar o necessário,
Vive sempre sem roupa e sem dinheiro,
E, se o inverno não vem molhar o chão,
Vai expulso da roça do patrão.

Como é triste viver sem possuir
Uma faixa de terra para morar
E um casebre, no qual possa dormir
E dizer satisfeito: “este é meu lar”.
Ninguém pode, por certo, resistir
Tal desgraça na vida sem chorar.
Se é que existe inferno no outro mundo
Com certeza, o de lá é o segundo!

Veja bem, meu leitor, que quadro triste,
Este inferno que temos nesta vida,
O sofrimento atroz dele consiste
Em viver sem apoio e sem guarida.
Minha lira sensível não resiste
Descrever tanta coisa dolorida

Com as rimas do mesmo repertório,
Quero um pouco falar do Purgatório

Purgatório da falsa hipocrisia,
Onde vemos um rosto prazenteiro
Ocultando uma dor que o excrucia
E onde vemos também um cavalheiro
Usar terno de linda fantasia,
Com o bolso vazio de dinheiro:
Pra poder trajar bem, até se obriga
Dar, com jeito, uma prega na barriga.

Purgatório infeliz do desgraçado,
Que trabalha e faz tudo o que é preciso
No comércio, lutando com cuidado,
Com desejo de entrar no Paraíso,
Porém quando termina derrotado,
Fracassado, com grande prejuízo,
Desespera, enlouquece, perde a bola
E no ouvido dispara uma pistola

Ali vemos um gesto alegre e lindo
Disfarçando uma dor, uma aflição,
Afirmando gozar prazer infindo
De esperança, de sonho e de ilusão.
Mas, enquanto esses lábios vão sorrindo,
Vai chorando, no peito, o coração.
É um mundo repleto de amarguras,
Com bastante aparência de venturas.

Veja agora leitor que diferença
Encontramos no lindo Paraíso:
O habitante não fala de sentença
Tudo é paz, alegria, graça e riso.
Tem remédio e conforto, na doença
E, se a morte lhe surge, de improviso,
Quando morre inda deixa por memória
Uma lousa, contando a sua glória.

Neste reino, que cresce e que vigora,
Vive a classe feliz e respeitada,
Tem tudo o que quer, a toda hora,
Pois do belo e do bom não falta nada,
Tem estrela brilhante e linda aurora,
Borboletas azuis, contos de fada
E, se quer gozar mais a vida sua,
Vai uns dias passar dentro da lua.

O Paraíso e o ponto culminante
De riqueza, grandeza e majestade,
Ali o homem desfruta ouro e brilhante,
Vive em plena harmonia e liberdade,
Tem sossego, conforto e tem amante,
Tudo quanto há de bom tem à vontade

E a mulher, que possui corpo de elástico,
Para não ficar velha, vai ao plástico.

Já mostrei, meu leitor, com realeza,
Pobres, médios e ricos potentados,
Na linguagem sem arte e sem riqueza.
Não são versos com ouro burilados,
São singelos, são simples, sem beleza,
Mas, nos mesmos eu deixo retratados,
Com certeza, verdade e muito siso,
O Purgatório, o Inferno e o Paraíso.

(ASSARÉ, 2004)

“Brasi de Cima e Brasi de Baxo” (Patativa do Assaré)

Meu compadre Zé Fulô,
Meu amigo e companheiro,
Faz quage um ano que eu tou
Neste Rio de Janêro;
Eu sai do Cariri
Maginando que isto aqui
Era uma terra de sorte,
Mas fique sabendo tu
Que a miséra aqui no Su
É esta mesma do Norte.

Tudo o que procuro acho.
Eu pude vê neste crima,
Que tem o Brasi de Baxo
E tem o Brasi de Cima.
Brasi de Baxo, coitado!
É um pobre abandonado;
O de Cima tem cartaz,
Um do ôtro é bem deferente:
Brasi de Cima é pra frente,
Brasi de Baxo é pra trás.

Aqui no Brasi de Cima,
Não há dô nem indigença,
Reina o mais soave crima
De riqueza e de opulença;
Só se fala de progresso,
De grandeza e produção.
Porém, no Brasi de Baxo
Sofre a feme e sofre o macho
A mais dura privação.

Brasi de Cima festeja
 Com orquestra e com banquete,
 De uísque dréa e cerveja
 Não tem quem conte os rodete.
 Brasi de Baxo, coitado!
 Vê das casa despejado
 Home, menino e muié
 Sem achá onde morá
 Proque não pode pagá
 O dinhêro do alugué.

No Brasi de Cima anda
 As trombeta em arto som
 Ispaiando as propaganda
 De tudo aquilo que é bom.
 No Brasi de Baxo a fome
 Matrata, fere e consome
 Sem ninguém lhe defendê;
 O desgraçado operaro
 Ganha um pequeno salario
 Que não dá pra vivê.

Enquanto o Brasi de Cima
 Fala de transformação,
 Industria, matéria-prima,
 Descobertas e invenção,
 No Brasi de Baxo isiste
 O drama penoso e triste
 Da negra necessidade;
 É uma coisa sem jeito
 E o povo não tem direito
 Nem de dizê a verdade.

No Brasi de Baxo eu vejo
 Nas ponta das pobre rua
 O descontente cortejo
 De criança quage nua.
 Vai um grupo de garoto
 Faminto, doente e roto
 Mode caçá o que comê
 Onde os carro põe o lixo,
 Como se eles fosse bicho
 Sem direito de vivê.

Estas pequenas pessoa,
 Estes fio do abandono,
 Que veve vagando à toa
 Como objeto sem dono,
 De manêra que horroriza,
 Deitado pela marquiza,
 Dromindo aqui a açula
 No mais penoso relaxo,
 É deste Brasi de Baxo
 A crasse dos marginá.

Meu Brasi de Baxo, amigo,
Pra onde é que você vai?
Nesta vida do mendigo
Que não tem mãe nem pai?
Não se afrija, nem se afobe,
O que com o tempo sobe,
O tempo mesmo derruba;
Tarvez ainda aconteça
Que o Brasi de Cima desça
E o Brasi de Baxo suba.

Sofre o povo privação
Mas não pode recramá,
Ispondo suas razão
Nas coluna do jorná.
Mas, tudo na vida passa,
Antes que a grande desgraça
Deste povo que padece
Se istenda, cresça e redrobe,
O brasi de Baxo sobe
E o Brasi de Cima desce.

Brasi de Baxo subindo,
Vai havê transformação
Para os que veve sintindo
Abondono e sujeição.
Se acaba a dura sentença
E a liberdade de imprensa
Vai sê legá e comum,
Em vez deste grande apuro,
Todos vão tê no futuro
Um Brasi de cada um.

Brasi de paz e prazê,
De riqueza todo cheio,
Mas, que o dono do podê
Respeite o dereito aleio.
Um grande e rico país
Mundo ditoso e feliz,
Um Brasi dos brasilêro,
Um Brasi de cada quá,
Um Brasi nacioná
Sem monopolo istrangêro.

(ASSARÉ, 2004)